



Centro Universitário de Brasília – UniCEUB
Instituto CEUB de Pesquisa e Desenvolvimento – ICPD
Centro de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão – CESAPE

Cláudia Leite Falcão de Souza

**Conversão de texto: do texto degravado
à elaboração de material educacional escrito**

Brasília, junho de 2006.

Cláudia Leite Falcão de Souza

**Conversão de texto: do texto degravado
à elaboração de material educacional escrito**

Monografia apresentada ao Centro
Universitário de Brasília –
UniCEUB/ICPD/CESAPE junto ao
Departamento de Pós-Graduação
como requisito para obtenção do grau
de Especialista em Língua Portuguesa,
sob a orientação da Professora
Doutora Wânia de Aragão-Costa

Brasília, junho de 2006.

A minha família,
fonte de força e felicidade.
Em especial,
a meu filho Luiz Felipe.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que tem iluminado os caminhos por onde tenho andado.

À minha professora, orientadora e amiga, Wânia de Aragão-Costa, pelas idéias e entusiasmo constantes.

À Professora Mestra Tânia Cristina Cruz, pelo acompanhamento técnico e orientação quanto à metodologia do trabalho científico.

À Radiobrás, por intermédio da Jornalista Luiza Inez Vilela, por ter propiciado a ponte entre a pesquisa acadêmica e o cotidiano dos brasileiros.

Aos meus amigos, que com paciência, agüentaram a minha fala sobre o assunto, de manhã, de tarde e de noite.

Enfim, a todos que me incentivaram e ajudaram a concluir este trabalho.

Falar ou escrever bem não é ser capaz de adequar-se às regras da língua, mas é usar adequadamente a língua para produzir um efeito de sentido pretendido numa dada situação.

(Marcuschi, 2001, p. 9)

RESUMO

Este trabalho tem por tema a Conversão de texto oral em escrito e, por objetivo, desenvolver metodologia para construção de material educacional escrito com base em participação, na qual se fala sobre Língua Portuguesa, em programa de rádio semanal. Para desenvolvimento da metodologia proposta, foram realizadas diversas etapas, eminentemente práticas, utilizando-se – como instrumento de trabalho – o rádio, o gravador e o computador, aliados à pesquisa e à análise de fontes bibliográficas a respeito da modalidade oral e da modalidade escrita da língua, especialmente, do Modelo das operações textuais-discursivas na passagem do texto oral para o texto escrito proposto por Marcuschi (2001). O texto selecionado para análise foi gravado e posteriormente degravado, com transcrição literal da fala e registro das ações dos interlocutores, gerando o texto falado base que, apesar de escrito, é espelho do texto oral emitido no decorrer do programa de rádio. Com aplicação das operações do Modelo utilizado e realização de procedimentos de busca automática, o texto foi analisado e inserido integralmente neste trabalho, com marcações em cores para representar as alterações feitas, correspondentes à retirada de termos e expressões típicos da linguagem oral bem como a repetições e redundâncias, além da reorganização da fala dos interlocutores. Propõe-se metodologia de conversão de texto, contendo sugestão de projeto gráfico para publicação do texto escrito final produzido neste trabalho.

Palavras-chave:

Língua Portuguesa, oralidade, escrita, conversão, degravação, rádio

ABSTRACT

The theme of this essay is the Conversion of the oral text in writing and the objective is to develop a methodology for the construction of a written educational material based on a weekly radio program on the Portuguese Language. For the development of the proposed methodology, several stages were followed, eminently practical stages, using as work instruments the radio, the recorder and the computer, allied to the research and analysis of bibliographical sources related to verbal and written forms of the language, in special, the Marcuschi (2001) text-discursive operations Model for the transfer of the oral text to written text. The text selected for analysis was first recorded and later literally transcribed with the registry of the interlocutors actions, generating the basic spoken text that, though it is written, it is a mirror of the oral text expressed during the radio program. With the application of the operations of the used Model and some automatic searching procedures, the text was analyzed and totally inserted in this work marking with a different color the alterations that were made, corresponding to the withdrawal of typical terms and expressions of the oral language as well as the repetitions and redundancies, and the reorganization of the speech of the interlocutors. It proposes a methodology of text conversion containing a graphic project suggestion for the publication of the final written text produced in this work.

Key words:

Portuguese Language, oral expression, writing, conversion, transcription, radio

Sumário

Lista de gráficos, diagramas e quadros

Introdução	9
Capítulo 1 – Conceitos básicos	12
Capítulo 2 – Linguagem oral X Linguagem escrita	15
2.1 Linguagem oral	16
2.2 Linguagem escrita	18
2.3 Linguagem oral e linguagem escrita: inter-relações e semelhanças	20
2.4 O <i>continuum</i> tipológico – a proposta de Marcuschi	21
Capítulo 3 – Modelo das operações textuais-discursivas na passagem do texto oral para o texto escrito	27
3.1 Operações de regularização e idealização	30
3.2 Operações de transformação	31
3.3 Operações especiais	33
Capítulo 4 – O rádio como instrumento de tecnologia de comunicação na educação	35
4.1 Características do rádio	35
4.2 A importância do rádio na educação	37
4.3 <i>É assim que se fala</i> : contexto e características	39
Capítulo 5 – Conversão do <i>corpus</i>: do oral para o escrito	41
5.1 Degravação do texto	41
5.2 Conversão do texto: do oral ao escrito	42
5.3 Metodologia de conversão de texto	47
5.4 Formatação do texto para publicação – projeto gráfico	47
Capítulo 6 – Texto falado base X Texto escrito final	49
Conclusão	67
Referências bibliográficas	69
Anexos	72
Anexo I – Degravação do quadro <i>É assim que se fala</i> , de 18/5/2006	
Anexo II – Texto escrito final	

Lista de gráficos, diagramas e quadros

Gráfico 1 – Fala e escrita no contínuo dos gêneros textuais	23
Gráfico 2 – Representação da oralidade e escrita pelo meio de produção e concepção discursiva	24
Diagrama 1 – Fluxo das ações	28
Diagrama 2 – Modelo das operações textuais-discursivas na passagem do texto oral para o texto escrito	29
Quadro 1 – Operações especiais envolvidas no tratamento dos turnos de fala nas atividades de retextualização	33
Quadro 2 – Comparação entre texto falado base e texto escrito final – redução textual	44
Quadro 3 – Descrição dos procedimentos executados para conversão do texto	46

Introdução

A Língua Portuguesa tem sido objeto de estudo e fonte de interesse de grande número de pessoas. Falar e escrever bem dentro dos parâmetros da norma padrão culta é um grande desafio para milhões de brasileiros e, nesse aspecto, programas educativos desenvolvidos fora do espaço tradicional da sala de aula têm representado forma descontraída e espontânea de ensino da língua capaz de auxiliar na melhora do desempenho lingüístico.

Os programas educativos pelo rádio ocupam importante papel em situação de aprendizagem à distância e, para preservá-los, a gravação do texto oral é recurso há muito tempo utilizado. No entanto, o material gravado não resulta em publicações, ficando apenas arquivado para garantir a memória do trabalho das instituições.

Neste caso, o processo de degravação pode ser utilizado como base para elaboração de material educacional a ser usado em atividades não-presenciais, o que torna necessário o desenvolvimento de metodologia que estabeleça, de forma ordenada, etapas para converter texto oral em texto escrito e nortear a elaboração de material educacional, garantindo-se padronização, agilidade e segurança na preservação da integridade do texto.

Considerando-se a existência de lacuna no que diz respeito à formalização de métodos e técnicas que norteiem a conversão de texto emitido oralmente – gravado – em texto educacional escrito, observando-se os padrões da modalidade escrita da Língua Portuguesa e a efetividade textual: transmissão de informação, organização do conhecimento e aprendizado, é que surge a proposta deste trabalho.

Esta Monografia atende à necessidade de desenvolvimento de metodologia específica de produção de material educacional escrito fundamentado na análise da conversação sobre Língua Portuguesa, tendo como *corpus* quadro semanal de programa de rádio. Pretende-se desenvolver esta metodologia a partir da gravação de texto, da análise do conteúdo exposto, da identificação de marcas da linguagem oral e da definição de padrão para formatação do material educacional escrito.

Este trabalho está dividido em seis capítulos que compreendem aspectos teóricos e práticos necessários ao desenvolvimento da metodologia proposta.

Nesse sentido, o Capítulo 1 apresenta conceitos básicos como dialogismo, diálogo e enunciação, elementos fundamentais de suporte à análise do processo de interação verbal.

Ainda no plano teórico, o Capítulo 2 procura traçar paralelo entre a linguagem oral e a linguagem escrita, enfatizando pontos de influência de uma modalidade sobre a outra.

O Capítulo 3 descreve o Modelo das operações textuais-discursivas na passagem do texto oral para o texto escrito – proposto por Marcuschi, 2001 –, que servirá de base para o desenvolvimento e análise deste trabalho.

Objetivando a identificação do contexto analisado, o Capítulo 4 aponta características relevantes do meio de comunicação rádio, utilizado para veicular o *corpus* de estudo: quadro semanal de conversação sobre Língua Portuguesa.

A metodologia de elaboração de material educacional escrito com base em texto gravado é apresentada no Capítulo 5, com descrição detalhada das etapas necessárias à consecução dos objetivos propostos: gravação de

texto; análise do conteúdo exposto; conversão de texto: do oral ao escrito, envolvendo identificação de marcas da linguagem oral e de termos e expressões para realização de busca automática; reordenação do texto escrito; e formatação do material escrito – definição de padrões, no que diz respeito à apresentação gráfica do texto, incluindo, entre outros, itens como escolha de tipo e tamanho de fonte, paginação e espaçamento entre linhas.

Finalmente, o Capítulo 6 apresenta o texto degravado – texto falado base – e a proposta do novo texto – texto escrito final –, constituindo a conversão do *corpus*: do oral ao escrito.

A metodologia de conversão do *corpus* utilizado é relevante para profissionais de texto que necessitam de converter conteúdo oral em escrito. O desenvolvimento desta metodologia mostra-se como algo inédito para profissionais da Área, visto que não somente exige tratamento didático na organização do conhecimento produzido, mas também construção em modalidade lingüística e nível de formalidade distintos daqueles do texto original.

O material educacional escrito elaborado com base em conversação sobre Língua Portuguesa abre espaço para novas áreas de investigação e para a publicação de outras fontes de pesquisa e gera impactos na ampliação da aplicabilidade das experiências discutidas oralmente.

Nesse aspecto, acrescido de revisão bibliográfica sobre o tema, de informações sobre a gramaticalidade em uso e a revisão textual e da aplicabilidade do conteúdo estudado em ambiente de trabalho próprio, é que se ressalta a importância e a contribuição da presente Monografia.

Capítulo 1 – Conceitos básicos

Para se trabalhar conversão de texto da modalidade oral para a modalidade escrita, requer considerar alguns conceitos básicos que norteiem a análise do processo de comunicação desenvolvido em programa de rádio caracterizado pela interação de várias falas. Conceitos como dialogismo, diálogo, enunciação, interação verbal e polifonia estão muito próximos e parecem designar um mesmo fenômeno, mas serão abordados separadamente com ênfase às pequenas variações existentes entre eles. Este levantamento teórico será feito basicamente considerando as obras de Bakhtin e de outros autores que o seguem.

A noção de dialogismo é o que permeia toda a obra de Bakhtin. É o princípio constitutivo da linguagem que considera que em qualquer campo a vida está impregnada de situações dialógicas. A linguagem é enfocada dentro de dimensão social e discursiva ressaltando principalmente a fala e a enunciação.

A verdadeira substância da língua é constituída pelo fenômeno da interação verbal. Na concepção do diálogo, “a unidade real da língua que é realizada na fala [...] não é a enunciação monológica individual e isolada, mas a interação de pelo menos duas enunciações, isto é, o diálogo”. (BAKHTIN, 2004, p. 145 e 146).

Em sentido amplo, o diálogo é considerado como qualquer tipo de comunicação verbal, oral ou escrita, exterior ou interior, manifestada ou não. O diálogo é uma corrente inserida na cadeia infinita de enunciados.

A noção de enunciado tem papel fundamental na concepção de linguagem. Segundo Bakhtin (1997, p. 308), o enunciado representa o elo na cadeia da comunicação verbal, estando ligado não apenas ao que o precede, mas também ao que lhe sucede nessa cadeia, ou seja, precede de alguém e se dirige para

alguém. Assim, “o enunciado tem autor e necessariamente destinatário. Esse destinatário tem várias faces, vários perfis, várias dimensões”. (BRAIT & MELO, p.71).

Analisando o enunciado como unidade da comunicação verbal, Bakhtin (1997, p. 290) afirma que o ouvinte, a partir das primeiras palavras emitidas pelo locutor, adota simultaneamente atitude responsiva ativa em relação ao discurso proferido, o que quer dizer que ao receber e compreender a significação de um discurso, o ouvinte concorda ou discorda (total ou parcialmente), completa, adapta ou prepara-se para executar algo em resposta. O locutor enuncia em função da existência do interlocutor, requerendo deste último atitude responsiva, com antecipação do que vai ser dito pelo outro.

O enunciado é elaborado em função da eventual reação-resposta. A enunciação é produto do ato de fala e não deve ser considerado como individual, sendo, portanto, fenômeno de natureza social, produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados.

Toda enunciação completa é constituída da significação, de sentido, com possibilidade de compreensão apenas na interação. Bigonjal-Braggio (1999, p. 16), considerando Bakhtin, afirma que o sentido da enunciação deve ser, portanto, investigado levando-se em conta também os elementos não-verbais da enunciação – apreciação, entonação, contexto, conteúdo ideológico, entre outros.

Por mais completa e significativa que seja, qualquer enunciação constitui apenas uma fração da cadeia de comunicação verbal que por sua vez constitui-se apenas momento específico na evolução contínua de determinado grupo social. (BAKHTIN, 2004, p. 123).

Segundo Brait *apud* Andrade, interação “é um fenômeno sociocultural, com características lingüísticas e discursivas passíveis de serem observadas, descritas, analisadas e interpretadas”. Em toda interação, os interlocutores estão reunidos sob determinadas condições diretamente relacionadas ao contexto situacional e aos papéis sociais representados pelos participantes da interação.

A interação é dialógica e faz parte de um processo contínuo de comunicação materializado pela palavra. Nesse processo, Bakhtin também ressalta o aspecto polifônico das enunciações. A polifonia refere-se às outras vozes que condicionam o discurso do sujeito, fazendo dele representante de um ou outro grupo social. As palavras emitidas são afetadas por conflitos históricos e sociais que sofrem os falantes de determinada língua e, por isso, são impregnadas de vozes, valores e desejos.

No caso específico deste trabalho, o programa de rádio analisado está repleto de situações interativas e dialógicas tanto no texto original oral como no texto escrito produzido com base no texto original. Neste caso, como afirma Bigonjal-Braggio (1999, p. 18), tanto a língua falada como a escrita constituem formas distintas de expressão, comunicação e interação, formas interdependentes, mas com natureza e usos específicos. A autora cita Goodman para evidenciar a relação entre as duas modalidades da língua.

A principal diferença entre esses dois tipos de linguagem é a função que cada um desempenha. A linguagem oral serve para a comunicação imediata, face a face, enquanto a língua escrita é utilizada para a comunicação através do tempo e do espaço. (GOODMAN *apud* BIGONJAL-BRAGGIO, 1999, p. 18).

Outros aspectos sobre a linguagem oral e a linguagem escrita estão destacados no Capítulo 2, a seguir.

Capítulo 2 – Linguagem oral X Linguagem escrita

A relação entre oralidade e escrita tem caráter de tensão mútua e criativa, contendo uma dimensão histórica e outra contemporânea. Muito já se discutiu sobre as particularidades de ambas, as quais já foram concebidas desde mera transcrição uma da outra até duas modalidades da língua que se distinguem por completo.

Para se analisar a relação entre a linguagem oral e linguagem escrita, neste trabalho, será considerada a distinção entre modalidades de uso da língua que envolvem a fala e a escrita, deixando-se de lado a dimensão que considera a relação entre língua falada e língua escrita incluindo a distinção entre práticas sociais – oralidade e letramento.

Nessa linha de investigação é necessário destacar o conceito de fala e o de escrita proposto por Marcuschi:

A **fala** seria uma forma de produção textual-discursiva para fins comunicativos na modalidade oral (situa-se no plano da oralidade, portanto), sem a necessidade de uma tecnologia além do aparato disponível pelo próprio ser humano. (MARCUSCHI, 2001, p. 25, grifo do autor).

A **escrita** seria um modo de produção textual-discursiva para fins comunicativos com certas especificidades materiais e se caracterizaria por sua constituição gráfica, embora envolva também recursos de ordem pictórica e outros (situa-se no plano dos letramentos). (MARCUSCHI, 2001, p. 26, grifo do autor).

Conforme afirma o autor, a distinção entre fala e escrita proposta contempla aspectos formais, estruturais e semiológicos, aspectos sonoros e gráficos, que envolvem o modo de representação da língua enquanto código, apesar de a fala e a escrita serem também usadas para designar formas e atividades comunicativas, não se restringindo ao plano do código.

Tanto a fala quanto a escrita permitem a construção de textos coesos e coerentes, a elaboração de raciocínios abstratos e exposições formais e informais, e são atividades comunicativas e práticas sociais situadas.

Apesar de não ser possível situar a oralidade e a escrita sem sistemas lingüísticos diversos, pois ambas fazem parte do mesmo sistema da língua e têm elementos lingüísticos de um mesmo sistema gramatical, algumas diferenças entre a linguagem oral e a linguagem escrita serão apontadas a seguir, com base nos pressupostos de Chafe (1987), apresentados por Botelho (S/Db), objetivando destacar características particulares de cada uma das modalidades de uso da língua.

2.1 Linguagem oral

A linguagem oral se caracteriza essencialmente por ser falada. No entanto, este fato não é um elemento fundamental para distingui-la da linguagem escrita, pois há gêneros intermediários que são produzidos de modo escrito e concebidos de modo sonoro e vice-versa. Há ainda outros gêneros que são produzidos e concebidos exclusivamente de um modo ou de outro e são muito parecidos com o gênero da outra modalidade.

Para exemplificar, destacam-se situações do cotidiano como os bate-papos em tempo real pela internet que são comunicações escritas com características típicas da oralidade, constituindo-se texto misto situado entre a fala e a escrita. Por outro lado, aponta-se o texto jornalístico em situação inversa por se tratar de um texto lido oralmente com base em texto escrito previamente.

Existem particularidades da linguagem oral que são elementos exclusivos dessa modalidade de uso da língua como: gesticulação, fluidez de idéias, eficácia na correção, cooperação dos ouvintes, entre outros.

O uso de gestos e o movimento do corpo e dos olhos são elementos que auxiliam na compreensão do texto emitido oralmente. Estes elementos, aliados ao contexto, representam ícones utilizados por quem fala para transmitir o conteúdo de forma mais bem elaborada.

A fluidez das idéias expostas oralmente proporciona maior velocidade da produção oral em virtude de o processo da fala ocorrer simultaneamente ao processo de produção do texto. Além disso, o fato de o falante ter o controle da comunicação no momento da fala proporciona a correção imediata do conteúdo exposto em caso de incompreensão por parte do interlocutor. As reações do interlocutor são, neste caso, importante feedback ao falante que pode corrigir com eficácia eventuais falhas de comunicação. Na linguagem falada há o envolvimento do falante com a audiência, consigo mesmo e com a realidade concreta do que está sendo falado.

Este feedback momentâneo determina outra particularidade da linguagem oral que é a cooperação dos participantes da comunicação. No caso específico do programa do rádio, apesar de todos os ouvintes serem receptores da informação, a jornalista, por estar presente no momento da fala, é uma das receptoras que pode fornecer retorno imediato à professora, fazendo intervenções sobre o assunto e, inclusive, recuperando, quando necessário, a referência do texto, o que pode facilitar o processo de produção.

Quando se trata de um discurso oral a ser produzido na presença física do interlocutor, é possível ao produtor planejar ao mesmo tempo em que produz, já

que ele poderá presenciar as reações imediatas dos interlocutores e, em decorrência delas, reajustar seu discurso, esclarecendo, explicando, exemplificando, reorganizando a fala.

Outro fator defendido diz respeito à sintaxe. Na linguagem oral, a sintaxe é tipicamente menos bem elaborada que a linguagem escrita. Destacam-se nesta modalidade de uso da língua frases curtas, simples seqüências de frases e poucas estruturas subordinadas. Há também forte presença de marcadores discursivos e uso de conjunções simples e frases nominais.

O nível de vocabulário não é muito diferente na linguagem oral e na linguagem escrita. Acredita-se que o repertório é semelhante apenas havendo, dependendo da situação, o uso de vocábulos mais ou menos formais ou coloquiais. Em relação à limitação do vocabulário, verifica-se a repetição de termos como uma característica da linguagem oral.

A entonação de voz também é fator característico da linguagem oral que auxilia o receptor na compreensão do que está sendo dito.

2.2 Linguagem escrita

A linguagem escrita tem como característica fundamental o fato de ser escrita – produzida pela mão e recebida pelos olhos. No entanto, como mencionado na linguagem oral, não é este um elemento capaz de distinguir a escrita da fala.

Aspectos como a objetividade, a clareza e a concisão devem ser observados nesta modalidade de uso da língua por se tratar de uma forma de comunicação em que o emissor e o receptor estão distantes e, muitas vezes, são desconhecidos um do outro. Neste caso, para facilitar a contextualização artifícios

como a sinonímia, elipse e paráfrase são comuns de serem observados em textos escritos.

A correção gramatical tem papel fundamental para se garantir a apresentação de um texto objetivo, claro e com idéias concisas, capaz de alcançar o efeito desejado, ou seja, a compreensão da informação transmitida por parte do leitor.

Com relação à produção, a linguagem escrita apresenta processo mais lento por envolver uma série de aspectos de produção e revisão de texto bem como por não ter o escritor a possibilidade de usar artifícios como gesticulação e expressão facial e o controle do sistema de recepção da informação.

Em contrapartida à gesticulação e a outras expressões usadas na linguagem oral, a escrita apresenta elementos significativos próprios, tais como o tamanho e o tipo de letras, cores e formatos e elementos pictóricos que podem facilitar a compreensão textual.

Dependendo do tempo disponível para a produção do texto, o escritor tem a possibilidade de mudar as idéias expostas, reorganizar o texto, consultar o dicionário ou outras fontes de pesquisa, acrescentar ou eliminar itens, enfim, revisar o texto até a elaboração do produto final.

Quanto à sintaxe, a linguagem escrita tende a apresentar estrutura sintática mais bem elaborada, formada por orações subordinadas, constituindo períodos compostos longos normalmente ligados por conjunções e locuções conjuntivas.

A pontuação também é um aspecto marcante e facilitador para a compreensão textual. Para substituir a entonação de voz da linguagem oral, o

escritor deve fazer uso de pontos como o de exclamação e reticências para possibilitar ao leitor reconhecer o que se deseja transmitir.

Como mencionado anteriormente, em relação ao vocabulário, não se pode afirmar a existência de termos específicos de uma das modalidades de uso da língua. É conveniente, no entanto, dizer que em muitos casos a linguagem escrita apresenta seleção de palavras mais formais do que coloquiais. Ainda em relação ao vocabulário, diferentemente do que se observa na fala, na escrita procura-se evitar a repetição de estruturas sintáticas ou palavras.

2.3 Linguagem oral e linguagem escrita: inter-relações e semelhanças

As questões que orientam os conceitos de linguagem oral e linguagem escrita têm sido foco de muitas discussões, sobretudo quando se procura estabelecer, como ponto de partida, comparações entre ambas, pontuando uma série de semelhanças e diferenças.

A forma de entender o processo de linguagem como atividade discursiva tem alterado a visão tradicional a respeito do tema. Características rígidas que distanciavam a linguagem oral da escrita estão sendo substituídas por diferenças e semelhanças que ocorrem ao longo de um contínuo tipológico. Assim, Tannen (1983) apud Botelho (S/Dc), afirma que estratégias de oralidade podem ser encontradas em um texto escrito em prosa bem como podem ser encontradas estratégias da escrita em um texto oral mais tenso. A autora destaca que diferenças formais se dão em função do gênero e do registro lingüístico, e não em função da modalidade.

Outros estudiosos citados por Botelho (S/Dc) apresentaram comparações entre as modalidades para uma análise consistente do contínuo em que se situam os diversos tipos de textos.

Chafe (1982, 1985 e 1987) o faz, levando em consideração um envolvimento maior ou menor dos interlocutores; Halliday (1987 e 1989), discutindo a complexidade estrutural das modalidades; Ochs (1987), descrevendo estratégias de planejamento das modalidades; Britton (1975), demonstrando que as diferenças dos gêneros se fundam nas suas condições de produção; Biber (1988), descrevendo as dimensões significativas de variação lingüística, a relação entre os gêneros e o contínuo tipológico nos usos da língua; e outros.

É interessante também destacar a afirmação de Koch (1997) apud Botelho (S/Dc):

Existem textos escritos que se situam, no contínuo, mais próximos ao pólo da fala conversacional (bilhete, carta familiar, textos de humor, por exemplo), ao passo que existem textos falados que mais se aproximam do pólo da escrita formal (conferências, entrevistas profissionais para altos cargos administrativos e outros), existindo, ainda, tipos mistos, além de muitos outros intermediários.

Segundo autores como Rojo (1999), as relações existentes entre linguagem oral e linguagem escrita precisam ser pensadas discursivamente. Isto quer dizer que é necessário considerar as condições efetivas de produção do discurso, levando-se em conta que, nas práticas de linguagem, os discursos escritos mantêm relações complexas com os discursos orais.

Autores como Schneuwly (1997) apud Rojo (1999) defendem que o traço diferencial mais importante entre a palavra falada e a escrita encontra-se na relação que o sujeito enunciator estabelece com os parâmetros da situação social e material de produção do discurso (lugar de produção do texto/discurso, interlocutores, temas, finalidade do texto/discurso).

2.4 O *continuum* tipológico – a proposta de Marcuschi

O termo *continuum* tipológico foi sugerido por Biber (1988) para indicar que na comparação entre fala e escrita devem ser consideradas seis dimensões

significativas de variação lingüística e a relação entre gêneros, evitando comparações dicotômicas com base em apenas textos prototípicos de cada modalidade. (BOTELHO, S/Dc).

Nesta linha de comparação entre as duas modalidades de uso da língua, Kato (1987) considera que as diferenças entre a modalidade oral e a escrita estão centradas nas diversas condições de produção que refletem maior ou menor dependência do contexto, maior ou menor grau de planejamento e maior ou menor submissão às regras gramaticais.

Em contradição à visão de alguns autores que consideram a fala na perspectiva da escrita, em um quadro de dicotomias estritas, com predominância de paradigma teórico de análise imanente ao código, e considerando as proposições de Biber (1988) e Kato (1987), Marcuschi (2001) descreve com mais propriedade o esquema que representa as relações entre a fala e a escrita, destacando a tese de que há mais semelhanças do que diferenças entre elas.

Partindo da afirmação de que as relações entre fala e escrita não são óbvias nem lineares, o autor defende a hipótese de que *“as diferenças entre fala e escrita se dão dentro de continuum tipológico das práticas sociais de produção textual e não na relação dicotômica de dois pólos opostos”*. (MARCUSCHI, 2001, p. 37, grifo do autor).

Para representar a relação entre fala e escrita, Marcuschi (2001) propôs esquemas que, visualizados em gráficos (Gráfico 1 e Gráfico 2), demonstram, respectivamente, a fala e a escrita no contínuo dos gêneros textuais e a representação da oralidade e escrita pelo meio de produção e concepção discursiva.

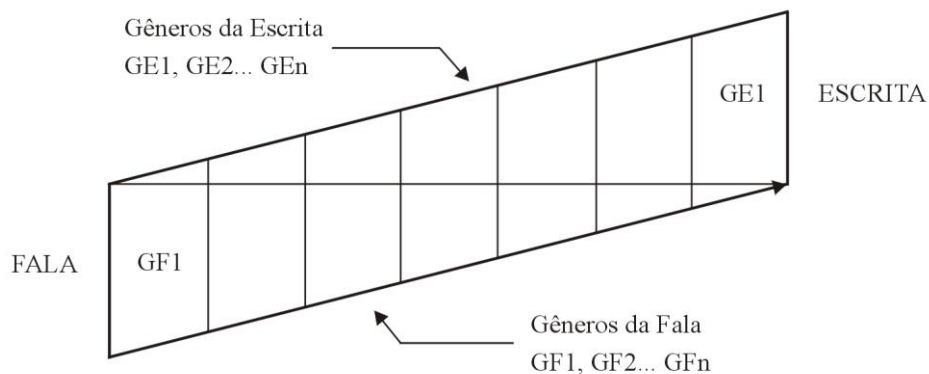


Gráfico 1 – Fala e escrita no contínuo dos gêneros textuais

Fonte: MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001, p. 38.

A preocupação do autor é a análise da fala e da escrita correlacionadas em vários planos, surgindo então um conjunto de variações e não uma simples variação linear. No Gráfico 1, há a representação dos dois domínios lingüísticos – fala e escrita – em que se encontram os gêneros textuais G, dispostos em dois contínuos: o do gênero textual e o das características específicas de cada modalidade.

Para exemplificar, Marcuschi (2001) considera GF1 como sendo uma conversa espontânea – protótipo da modalidade oral – e GE1 como uma publicação acadêmica – protótipo da modalidade escrita, sugerindo não ser aconselhável a comparação entre GF1 e GE1, a menos que se objetivasse identificar diferenças entre eles.

Marcuschi cita, ainda, a aula expositiva – evento considerado tipicamente oral – como exemplo do gênero da fala que se entrecruza sob muitos aspectos com o texto escrito. A aula expositiva, apesar de ser falada, tende a ser realizada com base em planejamento prévio escrito, com o uso de leitura e com o apoio de textos e imagens contidas em slides eletrônicos ou em outro tipo de recurso didático. No

caso do programa de rádio analisado, há também, em alguns momentos, aproximação do gênero falado com o escrito, quando há leituras de trechos de dicionários ou outras fontes de consulta para esclarecer alguma dúvida ou complementar alguma explicação.

Merece destaque neste ponto a questão da degravação do quadro. É assim que se fala para posterior elaboração de material educacional escrito, objeto de estudo deste trabalho. O texto degravado é a transcrição da conversa sobre Língua Portuguesa e, apesar de escrito, representa fielmente o texto oral, inclusive com manutenção de expressões típicas da linguagem oral e uso da pontuação para recuperar a entonação de voz. Quando analisado quanto ao gênero textual, portanto, o texto degravado, apesar de ser escrito, representa um texto oral.

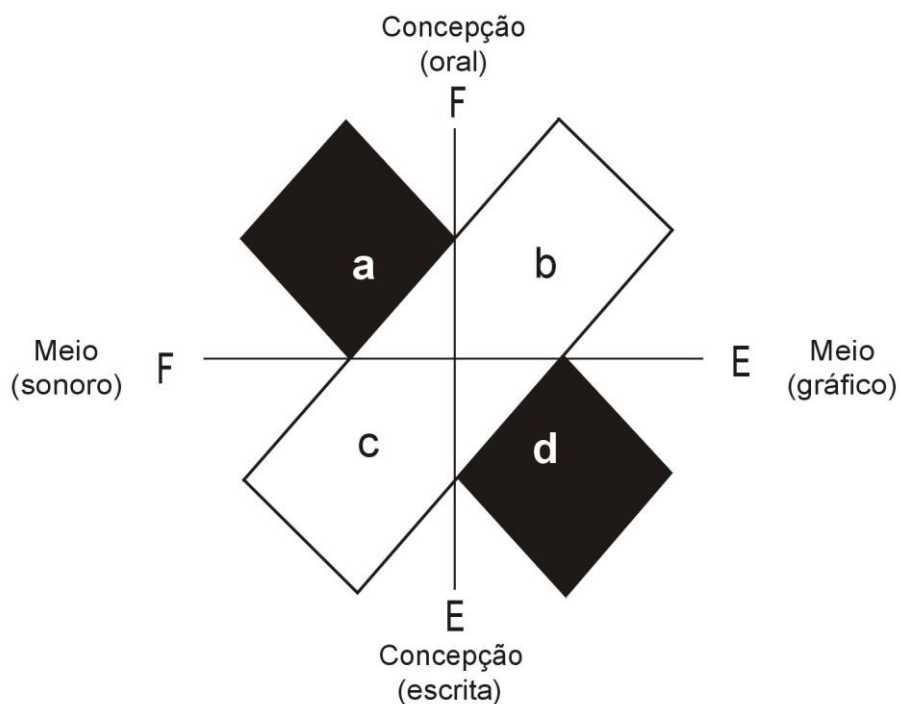


Gráfico 2 – Representação da oralidade e escrita pelo meio de produção e concepção discursiva
 Fonte: MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001, p. 39.

O Gráfico 2 compara fala e escrita a partir da idéia de relações mistas dos gêneros, considerando duas perspectivas: o meio de produção e a concepção

discursiva, sendo a fala de meio sonoro e de concepção oral e a escrita de meio de produção gráfico e de concepção escrita.

O domínio “a” representa, neste esquema, o domínio do tipicamente falado e o domínio “d”, o oposto, o tipicamente escrito. Tanto o domínio “b” como o “c” são domínios considerados mistos em que ocorrem mesclagens entre a modalidade oral e a escrita.

Neste caso, Marcuschi usa o gênero textual conversação espontânea – domínio “a” – para exemplificar um meio de produção sonoro e uma concepção discursiva oral; um artigo científico – domínio “d” –, um meio de produção gráfico e uma concepção discursiva escrita; uma notícia de TV – domínio “c” –, um meio de produção sonoro e uma concepção escrita; e, finalmente, uma entrevista publicada na Veja – domínio “b” –, um meio de produção gráfico e uma concepção discursiva oral. Os domínios “a” e “d” são prototípicos enquanto os domínios “b” e “c” são mistos.

Marcuschi contempla a relação fala e escrita em uma visão não-dicotômica sob o ponto de vista sócio-interacional, afirmando que:

O contínuo dos gêneros textuais distingue e correlaciona os textos de cada modalidade (fala e escrita) quando às estratégias de formulação que determinam o contínuo das características que produzem as variações das estruturas textuais-discursivas, seleções lexicais, estilo, grau de formalidade etc., que se dão num contínuo de variações, surgindo daí semelhanças e diferenças ao longo de contínuos sobrepostos. (MARCUSCHI, 2001, p. 42, grifo do autor).

Comparando-se a fala com a escrita, muitos autores concluem haver mais semelhanças do que diferenças entre os textos orais e os textos escritos. As diferenças ocorrem principalmente nas condições de produção dos textos e não significam necessariamente que uma modalidade seja mais complexa do que a outra. Fala e escrita devem ser consideradas como processos de interação verbal

pelo qual as pessoas se comunicam umas com as outras por meio de textos orais ou escritos organizados em gêneros.

Ao se analisar, nas práticas sociais de linguagem, situações reais de interlocução, é possível verificar que características polarizadas entre a linguagem oral e a linguagem escrita não se sustentam, pois há impregnação entre uma e outra em diversas situações de comunicação.

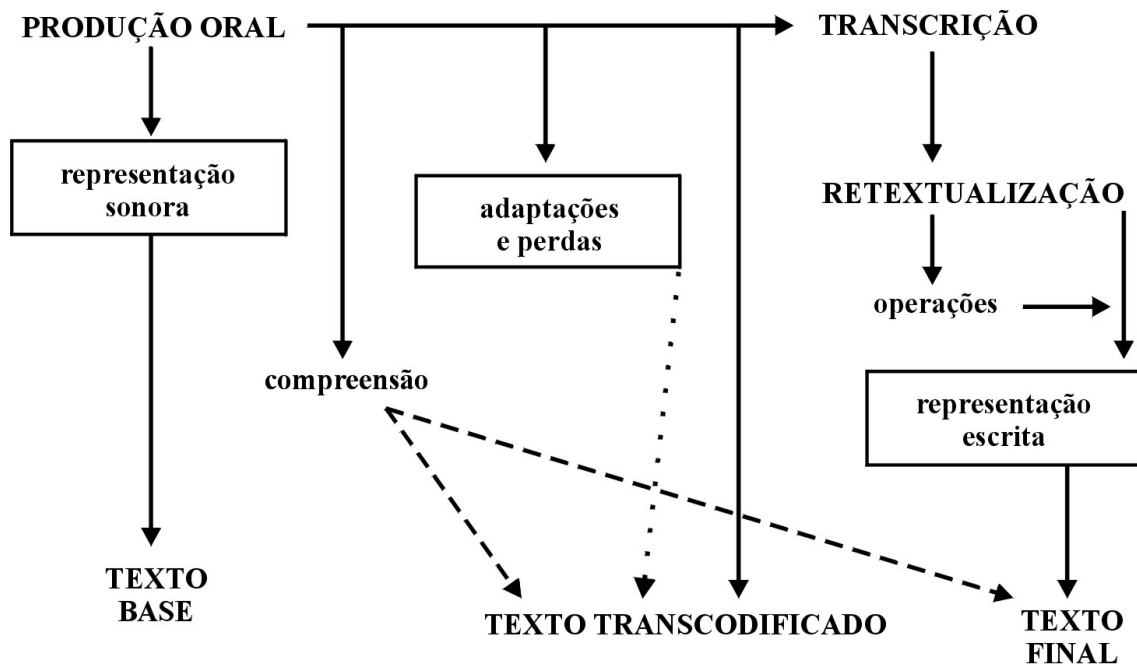
Capítulo 3 – Modelo das operações textuais-discursivas na passagem do texto oral para o texto escrito

Levando em consideração estudos sobre o assunto desenvolvidos por outros autores e experiências próprias, Marcuschi (2001) construiu o Modelo das operações textuais-discursivas na passagem do texto oral para o texto escrito que, do ponto de vista técnico, explicita aspectos textuais discursivos envolvidos nas atividades de idealização – eliminação, completude e regularização – e nas atividades de reformulação – acréscimo, substituição e reordenação – considerados válidos para a transformação do oral em escrito, independentemente do gênero textual analisado.

Esse modelo busca analisar o grau de consciência dos usuários da língua a respeito das diferenças entre fala e escrita, observando-se a atividade de transformação, considerada pelo autor como retextualização – “processo que envolve operações complexas que interferem tanto no código como no sentido e evidenciam uma série de aspectos nem sempre bem-compreendidos da relação oralidade-escrita”. (MARCUSCHI, 2001, p. 46).

A atividade de retextualização é mais complexa que a transcrição, pois enquanto que transcrever a fala é passar da forma sonora para a forma gráfica, sem interferir na linguagem e no conteúdo do discurso produzido, o processo de retextualização permite interferência e mudanças, especialmente, na linguagem. A transcrição é a transcodificação, do sonoro para o grafemático, e envolve uma primeira interpretação na perspectiva da escrita.

Diagrama 1 – Fluxo das ações

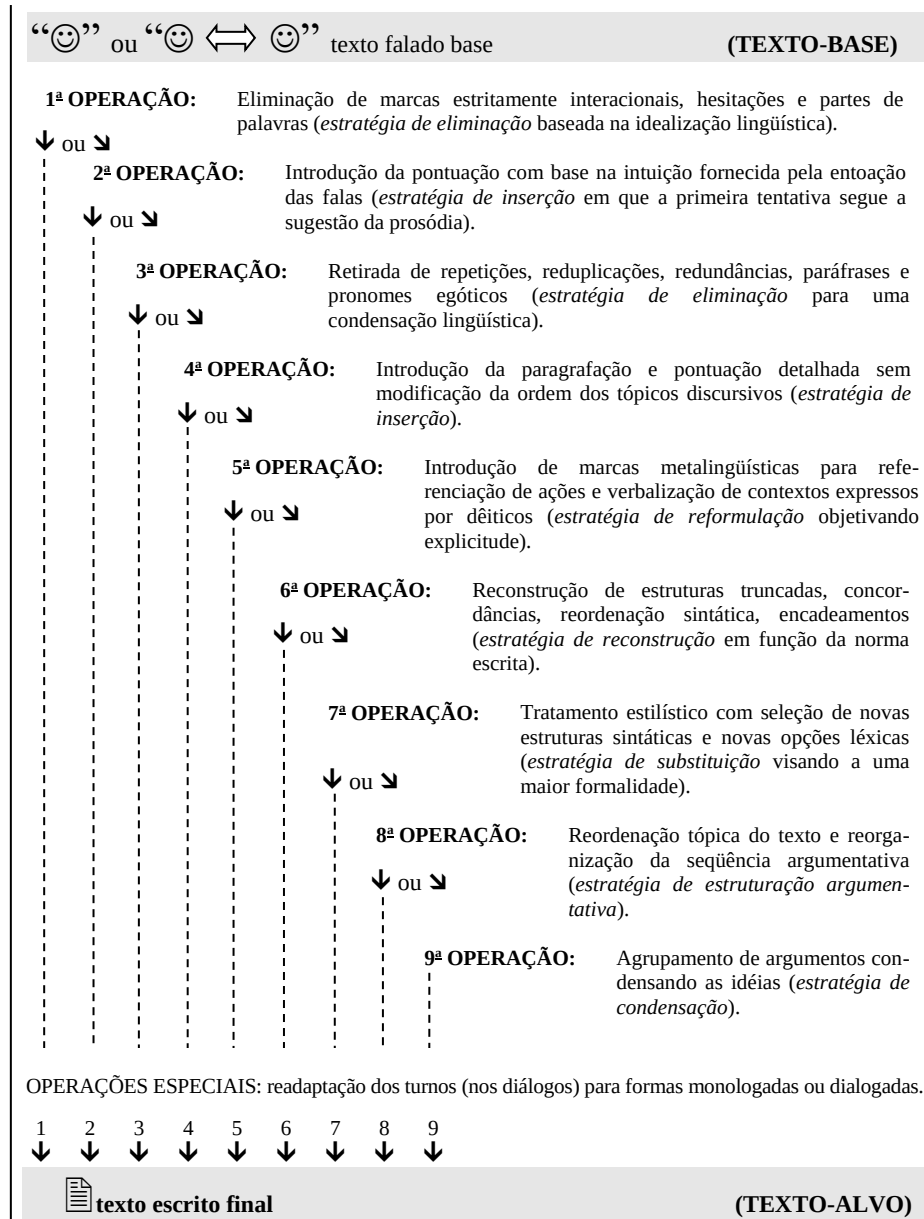


Fonte: MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001, p. 72.

O Diagrama 1 explicita ações envolvidas na conversão do oral em escrito, indo desde o texto-base – produção oral original – até o texto final – produção escrita –, passando pelo momento da transcodificação – simples transcrição – e pelo momento da retextualização.

A transcrição, segundo o autor, deve ser fiel ao texto oral, inclusive evitando-se pontuação, inserções ou eliminações, e trazer indicações específicas da situacionalidade e da qualidade da produção, como indicações de sorriso, movimentação do corpo, entre outras. No caso da degravação do programa corpus deste trabalho, durante o processo de degravação, foram inseridas barras para recuperar a entonação de voz e as hesitações dos interlocutores.

Diagrama 2 – Modelo das operações textuais-discursivas na passagem do texto oral para o texto escrito



Algumas observações sobre as legendas para ler o modelo:

- A sequência inicial na parte superior do modelo {“😊” ou “😊 ↔ 😊”} lembra apenas que pode tratar-se de um texto falado monologado {“😊”} ou então de um texto falado dialogado {“😊 ↔ 😊”} que serve de texto-base para a retextualização.
- O símbolo {↓} posto abaixo de cada uma das nove operações sugere que se pode partir desse ponto para o texto final, e o símbolo {↘} indica que se pode ir à operação seguinte.
- O símbolo {📄} na parte inferior do modelo lembra que esse é o texto escrito tido como ponto de chegada, isto é, o texto-alvo do processo de retextualização.

Fonte: MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001, p. 75.

O modelo é apresentado de modo simplificado e "corresponde a uma escala contínua de estratégias desde os fenômenos mais próximos e típicos da fala até os mais específicos da escrita". (MARCUSCHI, 2001, p. 76). Inclui nove operações agrupadas em dois grandes conjuntos: operações que seguem regras de regularização e idealização e operações que seguem regras de transformação. Para uma retextualização ser bem-sucedida, não é necessária a efetivação de todas as operações e, sobretudo, não necessariamente na ordem proposta.

3.1 Operações de regularização e idealização

As operações de regularização e idealização abrangem da primeira à quarta operação. Essas operações contêm estratégias mais comuns que revelam aspectos mais evidentes da diferença entre fala e escrita.

Na primeira operação – Eliminação de marcas estritamente interacionais, hesitações e partes de palavras (estratégia de eliminação baseada na idealização lingüística) – ocorre a eliminação de hesitações, de elementos lexicalizados ou não-lexicalizados e tipicamente produzidos na fala, de segmentos de palavras iniciadas e não-concluídas e de sobreposições. Além disso, são eliminadas as observações metalingüísticas sobre a situacionalidade ou sobre o fluxo da fala.

A segunda operação – Introdução da pontuação com base na intuição fornecida pela entoação das falas (estratégia de inserção em que a primeira tentativa segue a sugestão da prosódia) – corresponde ao primeiro procedimento de inserção no texto, com a introdução da pontuação diacrítica e formal, aspecto não-disponível na fala. Os sinais de pontuação inseridos dependem essencialmente de fenômenos prosódicos, em especial a entoação, e são colocados no sentido de possibilitar entendimento do texto.

Retirada de repetições, reduplicações, redundâncias, paráfrases e pronomes egóticos (estratégia de eliminação para uma condensação lingüística) refere-se à terceira operação do modelo apresentado por Marcuschi. Essa operação não se trata de condensação informacional, mas simplesmente da retirada de elementos característicos da oralidade considerados desnecessários à produção escrita.

A quarta operação do grupo das operações de regularização e idealização – Introdução da paragrafação e pontuação detalhada sem modificação da ordem dos tópicos discursivos (estratégia de inserção) – envolve aspecto mais complexo, à medida que a paragrafação exige divisão em tópicos e não se trata de procedimento espontâneo.

3.2 Operações de transformação

As operações de transformação caracterizam o processo de retextualização e envolvem mudanças mais acentuadas no texto-base. Abrangendo da quinta à nona operação, dizem respeito a um tratamento da fala, de natureza sintática, semântica, pragmática e cognitiva e se fundam em estratégias de substituição, seleção, acréscimo, reordenação e condensação.

Na quinta operação – Introdução de marcas metalingüísticas para referenciação de ações e verbalização de contextos expressos por dêitico (estratégia de reformulação objetivando explicitude), predominam as atividades referentes à substituição e reorganização de natureza pragmática. A reformulação visa à explicitude de aspectos não estritamente verbalizados que devem ser supridos com informação equivalente que os recupere quando se elimina o contexto físico.

A sexta operação – Reconstrução de estruturas truncadas, concordâncias, reordenação sintática, encadeamentos (estratégia de reconstrução em função da norma escrita), como a quinta operação, também envolve atividades de substituição e reorganização, só que voltadas à natureza morfossintática do texto. Trata-se de operação de grande importância por englobar o maior peso de aspectos referentes à normatização da escrita, como regência e concordância.

Tratamento estilístico com seleção de novas estruturas sintáticas e novas opções léxicas (estratégia de substituição visando a uma maior formalidade) refere-se à sétima operação. Nessa operação consideram-se as construções sintáticas e o estilo como aspectos que possuem valor semântico, que devem ser cuidadosamente alterados para não possibilitar, portanto, mudança na interpretação do texto.

A oitava operação – Reordenação tópica do texto e reorganização da seqüência argumentativa (estratégia de estruturação argumentativa) – ocorre especialmente em textos mais complexos em que predominam argumentações ou em diálogos para os quais se sugere retextualização mais global sem atenção para detalhes informacionais.

A sétima e a oitava operação envolvem acréscimo informacional, substituição lexical, reordenação estilística e redistribuição dos tópicos discursivos, e exigem maior domínio da escrita e das estratégias de organização lógica do raciocínio, com forte influência do processo cognitivo. Nessas operações, surgem com maior intensidade os problemas relativos à compreensão textual.

A nona operação – Agrupamento de argumentos condensando as idéias (estratégia de condensação) – apresenta tendência à redução textual e às operações de reordenação de natureza global ou macro, mas não equivale a uma estratégia de resumo, nem de eliminação sistemática de informação.

3.3 Operações especiais

Para o caso da retextualização de conversações – encontros diádicos, triádicos e poliádicos –, embora não explícito no Diagrama 2, o modelo geral da retextualização propõe um conjunto de operações especiais que dizem respeito ao tratamento dos turnos. A escolha da técnica a ser utilizada para o procedimento de retextualização depende de quanta modificação se deseja fazer. As três técnicas dificilmente são consideradas de forma pura, sendo usadas misturadas.

Quadro 1 – Operações especiais envolvidas no tratamento dos turnos de fala nas atividades de retextualização

Técnica I: manutenção dos turnos

Transposição dos turnos tal como produzidos, abolindo as sobreposições e seguindo, no geral, as operações 1, 2, 3 e 5 do modelo, mas com uma seqüenciação por falantes, introduzindo segmentos encadeadores a título de contextualização, podendo haver fusão de turnos, sobretudo os repetidos.

Técnica II: transformação dos turnos em citação de fala

Eliminação dos turnos com acentuada manutenção das falas num texto sem a estrutura dialógica geral, mas com indicação precisa de autoria das falas e com a aplicação das operações 1-6 do modelo.

Técnica III: transformação dos turnos em citação de conteúdo

Eliminação dos turnos e introdução generalizada das formas do discurso indireto, com citação de conteúdos através dos verbos *dicendi* e surgimento de um texto totalmente monologado, com reordenação dos conteúdos e do léxico, aplicando-se as operações 1-9 do modelo.

Fonte: MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001, p. 89.

Com a técnica I, mantêm-se os turnos com a introdução de elementos contextualizadores e referenciais metalingüísticos, como as expressões: falando em voz alta; respondendo; apontando com o dedo; olhando para o amigo; batendo com a mão na mesa, que representam a verbalização de aspectos que são acessíveis aos interlocutores e que nas transcrições aparecem como comentários do transcritor.

A técnica II introduz a possibilidade da citação da fala, conhecida como discurso direto. Nesse caso, os turnos não são mantidos e para identificar a autoria, há inserção de aspas que representam a reprodução da fala, mesmo que tenha havido alterações pelas operações 1-6, com retirada de hesitações, marcadores conversacionais e repetições mais evidentes.

Na técnica III, há interferência do discurso indireto, o que se denomina citação de conteúdo. Trata-se de uma retextualização bastante acentuada, pois todas as operações do modelo são consideradas e as falas e os turnos individuais são neutralizados por completo. O texto final representa uma recriação completa com ênfase na manutenção do conteúdo.

Capítulo 4 – O rádio como instrumento de tecnologia de comunicação na educação

Considerado como veículo de massa de ampla abrangência, o rádio transmite informações com facilidade, simplicidade e rapidez e atinge grande público. Em relação a qualquer outro meio de comunicação, o rádio confere imediatismo à notícia por possibilitar a divulgação de fatos no exato momento em que ocorrem.

Por ser um meio tradicionalmente de comunicação de massa, o rádio possui audiência ampla, heterogênea e anônima. A audiência, limitada apenas pela potência dos transmissores e pela legislação, é formada por grande número de pessoas de diversas classes socioeconômicas as quais os comunicadores não sabem individualmente quem são. (FERRARETTO, 2001, p. 23 e 24).

4.1 Características do rádio

Entre as principais características do rádio, Ortriwano (1985, p. 78 a 81) destaca as seguintes: linguagem oral, penetração, mobilidade, baixo custo, imediatismo, instantaneidade, sensorialidade e autonomia.

Quanto à linguagem oral, o rádio envolve apenas a fala, portanto, para se receber a mensagem é necessário apenas ouvi-la. O rádio não está restrito à elite alfabetizada da sociedade, uma vez que no maior público está inserido a população analfabeta e os alfabetizados funcionais.

A penetração refere-se à abrangência do rádio em termos geográficos. Segundo Beltrão *apud* Ortriwano (p. 79), o rádio é “veículo de alcance universal, que pode levar sua mensagem a qualquer parte do globo, no mesmo instante unindo populações antípodas – o rádio entretanto é de natureza eminentemente regional,

quanto a sua principal audiência”. Além disso, constitui-se no único meio de levar informação para regiões em que a população ainda não tem acesso a outros meios de comunicação, seja por motivos culturais, geográficos ou econômicos.

Emissor e receptor são dois aspectos que devem ser considerados para explicar a característica mobilidade. No que diz respeito ao emissor, por ser menos complexo tecnicamente, o rádio pode estar mais facilmente presente no local de ocorrência dos acontecimentos para transmitir as informações de modo mais rápido. Em comparação aos veículos impressos, o rádio leva vantagem por eliminar o aspecto da distribuição: quem estiver ouvindo rádio estará apto a receber a informação. Quanto ao aspecto receptor, o rádio atualmente oferece grande mobilidade, pois não há necessidade de o ouvinte estar próximo ao aparelho. O rádio não absorve o ouvinte por inteiro, podendo ser realizadas outras atividades concomitantemente à escuta da programação. O pequeno tamanho de alguns aparelhos também é fator que facilita a mobilidade, pois o ouvinte pode transportá-lo para qualquer ambiente onde estiver.

Em comparação a outros veículos de comunicação, o rádio é de baixo custo no que se refere tanto ao preço de aquisição como à produção da programação. O custo de produção é diluído, levando-se em conta o número de pessoas que recebe a mensagem radiofônica.

Imediatismo e instantaneidade estão relacionados ao momento de transmissão da informação. A mensagem de rádio pode ser transmitida no exato momento em que os fatos ocorrem sem necessidade de elaboração prévia. Quanto à instantaneidade, a mensagem precisa ser ouvida no momento exato da transmissão para ser eficaz. Ao contrário do meio impresso em que o leitor escolhe o melhor momento para ler a mensagem, as notícias transmitidas pelo rádio têm de

ser ouvidas no mesmo instante em que vão ao ar. Se o ouvinte não estiver exposto não terá acesso à mensagem.

A sensorialidade está ligada à imaginação e à emoção do ouvinte que são despertadas por meio do som e dos recursos de sonoplastia utilizados nas mensagens radiofônicas. Usando o chavão “Uma imagem vale por mil palavras”, Ortriwano (p. 81) explica a criação de imagens pelo ouvinte com base nas palavras emitidas pelo locutor. Na sensorialidade está a ligação direta entre locutor e ouvinte.

Quanto à característica autonomia, leva-se em conta o fato de o rádio ter deixado de ser um meio de recepção coletiva – graças ao transistor – e se tornado individualizado. As pessoas podem receber mensagens sozinhas no ambiente em que estiverem e escutá-las como se fossem direcionadas a elas.

Neste aspecto, Linhares (1995, p. 5) sugere que, usando linguagem simples, direta, concisa e objetiva, o locutor deve se dirigir ao ouvinte como se estivesse falando diretamente a ele.

Para Ferraretto (2001, p. 34), “pela abrangência do veículo e pelas características do rádio, o discurso radiofônico deve ser mais claro, preciso e conciso dos discursos jornalísticos, usando, com o máximo de propriedade, o repertório de seu público-alvo”.

4.2 A importância do rádio na educação

Muito se tem discutido sobre a atuação dos meios tecnológicos como instrumentos mediadores do processo de aprendizagem. A modalidade de educação à distância, por meio do rádio, televisão ou computador, surge para propiciar aprendizado a partir da transmissão de informação, havendo separação física entre professor e aluno e controle de ritmo de aprendizagem estabelecido pelo aluno.

No Brasil, o uso do rádio na educação vem ocorrendo há várias décadas. Conforme Santos, as primeiras experiências foram realizadas em 1939 e 1941 – Instituto Rádio-Monitor e Instituto Universal Brasileiro, respectivamente. Outro importante projeto, o Movimento de Educação de Base (MEB), foi desenvolvido em 1961, objetivando alfabetizar jovens e adultos no meio rural, sendo a instrução oferecida por meio de programas de rádio disponibilizados principalmente nas regiões norte e nordeste do país.

Embora pouco incentivados por políticas governamentais, as grandes mudanças tecnológicas, incluindo a transmissão pela Internet, possibilitaram ampliação e redimensionamento dos programas educativos. Fatores como interatividade contribuíram para aumentar o interesse dos ouvintes na programação.

A transmissão de informação sem considerar conteúdo programático como acontece tradicionalmente nos currículos escolares é enfatizada por Liberato como sendo característica do modelo de instrução informal ou incidental típico da educação pelo rádio. Para sustentar essa afirmação, cita o seguinte aspecto da educação não-formal:

A produção de conhecimentos ocorre não pela absorção de conteúdos previamente sistematizados, objetivando ser apreendidos, mas o conhecimento é gerado por meio da vivência de certas situações-problema. (...) A educação não-formal é pensada em termos coletivos, para o público em geral; ocorre fundamentalmente no plano da comunicação oral e sua maior importância está na possibilidade de criação de novos conhecimentos. (GOHN, 1999, p. 103 *apud* LIBERATO).

Especialmente na educação pelo rádio, aspecto de fundamental importância para garantir aprendizado diz respeito à linguagem. Para compensar a ausência de imagens e dos interlocutores reais, a linguagem radiofônica utiliza signos sonoros como mudança de entonação ou velocidade da fala para facilitar por parte do ouvinte a construção da imagem mental do que está sendo falado.

Devido à facilidade de acesso, o rádio deve continuar a ser veículo de difusão de importantes projetos educacionais. Visando transformar informação em conhecimento, o compromisso das emissoras educativas deve ser o de prestar serviço público especial e de qualidade de forma a valorizar aqueles que não têm oportunidades e condições de freqüentar escola ou ter contato com material impresso que sirva de base para a aprendizagem.

4.3 É ASSIM QUE SE FALA: contexto e características

É ASSIM QUE SE FALA é um quadro semanal do programa Cotidiano da Rádio Nacional AM (980khz). Esse quadro tem duração de, aproximadamente, 30 minutos e vai ao ar, ao vivo, todas às quintas-feiras, desde o dia 2 de fevereiro de 2006, a partir das 11 horas e 15 minutos. Apresentado pela Jornalista Luiza Inez Vilela, consiste em conversa sobre Língua Portuguesa com a Professora Doutora Wânia de Aragão-Costa, coordenadora do Serviço de Apoio Lingüístico (SAL) da Universidade de Brasília (UnB). O quadro é estruturado com base em dúvidas de ouvintes que entram em contato por telefone com a Rádio antes ou durante a transmissão do programa. Outras questões também são levantadas pela Professora Wânia tendo como referência algum assunto importante destacado da fala da própria jornalista ou de algum ouvinte. Embora o programa tenha cunho didático é, antes de tudo, evento de mídia que não está vinculado a planejamentos específicos, cronogramas ou orientações pedagógicas.

Desenvolvido em ambiente descontraído, o quadro propicia aprendizado a partir da transmissão de informações de forma simples e acessível, o que torna o bate-papo sobre Língua Portuguesa algo inédito e de grande relevância por mostrar a língua padrão culta de maneira natural e com base em dúvidas e comentários do cotidiano das pessoas.

Com respostas dadas de forma clara e objetiva, os conteúdos gramaticais ou lingüísticos questionados pelos ouvintes são abordados durante o programa sempre havendo repasse das fontes bibliográficas consultadas, se for o caso. Tornar familiar ao ouvinte a bibliografia básica representa mais uma maneira de transmissão do conhecimento acerca do assunto.

A audiência do quadro É ASSIM QUE SE FALA vem aumentando a cada semana certamente pelo fato de as pessoas terem interesse em melhorar o próprio desempenho lingüístico por meio do aprofundamento do conhecimento sobre Língua Portuguesa.

O programa é transmitido para o Distrito Federal, entorno e estados vizinhos. É possível ainda captar o sinal pelo satélite ou acompanhar a transmissão pela internet, no endereço www.radiobras.gov.br.

Capítulo 5 – Conversão do *corpus*: do oral para o escrito

A versão do quadro É ASSIM QUE SE FALA analisada foi escolhida aleatoriamente. O programa foi ao ar no dia 18 de maio de 2006, das 11h21 às 11h50 e, além da presença da Jornalista Luiza e da Professora Wânia, contou com a participação de um ouvinte, ao vivo, o Luiz Carlos. Perguntas e dúvidas de outra ouvinte, a Madalena, também foram comentadas, porém algumas foram passadas no programa da semana anterior e outras foram feitas sem a participação ao vivo desta ouvinte.

5.1 Degração do texto

A degração de texto refere-se ao processo que envolve gravação em áudio de texto falado para posterior transformação desse texto em conteúdo escrito. O texto degravado é aquele que tem a forma escrita, mas é espelho do que foi falado pelo autor, com transcrições literais da fala e registro de elementos contextualizadores como as ações dos falantes, por exemplo, risos, típicos da modalidade oral.

A gravação do programa foi feita em fita cassete em som de uso caseiro e a degração do texto foi feita de modo artesanal, o que a tornou processo bastante difícil e cansativo. Para se fazer a primeira etapa de degração do texto oral apresentado no programa selecionado foram necessárias, aproximadamente, 6 horas, sem se considerar as demais etapas de conferência. A dificuldade no processo de degração deu-se principalmente por falta de experiência e conseqüentemente pouco grau de intimidade com este processo.

As falas no nível da locução foram identificadas pela mudança do tom da voz específico de cada participante. Além das vozes dos três participantes da

conversação, em alguns momentos percebeu-se a existência de outras vozes no fundo que não foram registradas pela impossibilidade de compreensão.

A paragrafação foi feita quando da mudança de interlocutor. O travessão foi substituído pelo nome da pessoa que ia falar, ou seja, o diálogo estabelecido entre os participantes foi marcado incluindo-se o nome de cada falante. Todos os marcadores discursivos bem como pausas respiratórias e identificação de perguntas e exclamações foram registradas no texto degravado. Para se destacar as pausas respiratórias ocorridas durante a conversação, foram utilizadas barras, conforme o seguinte esquema: uma barra para pausa de vírgula; duas, para ponto final; três, para ponto de interrogação; e quatro, para ponto de exclamação.

Toda a conversa foi registrada sem dúvidas quanto ao conteúdo emitido uma vez que os participantes, principalmente, a jornalista e a professora, possuem boa dicção e pronúncia e compensam a ausência de imagens com a utilização de signos sonoros como a mudança de entonação e a velocidade da fala.

Na transcrição do texto oral, as palavras pronunciadas pelos interlocutores foram passadas para a forma escrita em sistema gráfico que segue a grafia padrão, considerando-se também as pronunciadas de forma abreviada.

5.2 Conversão do texto: do oral ao escrito

A conversão do texto analisado foi feita tomando-se como base o Modelo das operações textuais-discursivas na passagem do texto oral para o texto escrito proposto por Marcuschi (2001) bem como as operações especiais propostas pelo autor, apresentados no Diagrama 2 e no Quadro 1, respectivamente.

As duas versões do texto analisado – texto falado base e texto escrito final – estão apresentadas em colunas, lado a lado, no Capítulo 6, para facilitar a

comparação entre as duas modalidades da língua estudadas neste trabalho. As versões em formato de texto podem ser visualizadas no Anexo I e II.

No processo de retextualização, em relação às operações especiais, foi utilizada a Técnica I de manutenção dos turnos, ou seja, a estrutura de conversação com turnos representando perguntas, respostas ou comentários dos participantes do programa foi mantida como no original.

No processo de retextualização textual, foram aplicadas todas as operações das regras de regularização e idealização, ou seja, as operações que envolvem eliminação de hesitações e elementos lexicalizados ou não-lexicalizados tipicamente produzidos na fala bem como retirada de repetições e redundâncias. Nesta fase de conversão do texto, também, foram eliminados os comentários sobre as ações dos falantes, sendo retirados do texto as observações de risos durante a conversação.

A pontuação foi inserida com base na entonação das falas. Em um primeiro momento – segunda operação –, as barras colocadas no processo de gravação do texto foram substituídas conforme o esquema utilizado neste trabalho. Para realização dessas substituições, feitas uma a uma, foi usado o procedimento de busca automática, clicando-se em Editar – Substituir; preenchendo o campo Localizar com uma, dois, três ou quatro barras e o campo Substituir com o respectivo sinal de pontuação: vírgula, ponto final, ponto de interrogação e ponto de exclamação; clicando em Localizar próxima e em Substituir tudo. Em um segundo momento, foi feita leitura minuciosa da versão do texto escrito final para revisão e alteração da pontuação inserida – quarta operação.

Esse procedimento de busca automática, também, foi utilizado para a retirada de hesitações e elementos típicos da fala. Após leitura inicial do texto falado

base e identificação desses termos e expressões, foi feita busca automática, separadamente, objetivando a eliminação proposta pela primeira operação do Modelo aplicado.

Comparando-se os dois textos – texto falado base e texto escrito final –, em relação ao número de palavras, houve redução de, aproximadamente, 23%. Avaliando-se o número de caracteres (sem espaços e com espaços), percebeu-se redução de 11,28% e de 13,27%, respectivamente. O Quadro 2, a seguir, demonstra o número de palavras e de caracteres dos textos, encontrados clicando-se em Ferramentas – Contar palavras, com o texto do Anexo I e o do Anexo II abertos na tela do computador.

Quadro 2 – Comparação entre texto falado base e texto escrito final – redução textual

	Texto falado base	Texto escrito final	Redução, em percentual
Palavras	5.137	3.943	23,24
Caracteres (sem espaços)	20.975	18.610	11,28
Caracteres (com espaços)	25.796	22.374	13,27

Vale ressaltar que o procedimento de eliminação que resultou na diminuição do volume do texto deu-se estritamente pela retirada dos elementos típicos da fala, não havendo, dessa forma, diminuição do texto em função de mudanças ou retiradas de parte do conteúdo exposto.

Todo o conteúdo foi mantido por ser considerado de importância para a aquisição de aprendizagem sobre o assunto discutido no programa. Os conteúdos gramaticais e lingüísticos solicitados pelos ouvintes são explicados de forma objetiva e clara com uso de estruturas frasais simples que facilitam a compreensão.

Quanto às regras de transformação, que envolvem da quinta à nona operação, foram aplicadas estratégias da quinta, sexta e oitava operação, no que diz respeito à contextualização, à reorganização das falas e, principalmente, à estratégia de reconstrução em função da norma escrita – sexta operação – que envolveu a colocação de maiúsculas e os ajustes ortográficos. Demais operações que dizem respeito a mudanças na estrutura sintática e agrupamento de argumentos não foram aplicadas por se tratar de texto com estrutura de diálogo de fácil compreensão, bem elaborado e produzido por pessoas experientes.

A fala da professora tem eficácia comunicativa pela adequação situacional e está de acordo com as normas da escrita, com observação estrita das regras gramaticais e enunciados bem estruturados. A conversa sobre Língua Portuguesa apesar de conduzida de maneira simples e descontraída preserva as formas cultas da língua.

No que diz respeito às operações do modelo, para visualização mais detalhada da análise realizada e dos consequentes procedimentos de eliminação e transformação do texto, algumas alterações foram marcadas no texto falado base, em cores distintas, conforme demonstra o Quadro 3, a seguir, que apresenta os principais procedimentos executados para elaboração do texto escrito final, envolvendo todas as operações, exceto a sétima e a nona.

Quadro 3 – Descrição dos procedimentos executados para conversão do texto

1ª operação	Eliminação de marcas estritamente interacionais, hesitações e partes de palavras (<i>estratégia de eliminação</i> baseada na idealização lingüística).
	Retirada dos seguintes termos e expressões: sim, eh, oh, ah, certo, viu, né, hum, hum hum, ham, ham ham ichi, olha só, vamos lá então, uai, muito bem, hein, e tal, coisa e tal, pois é, tá certo, agora, olha, é claro, ta, agora, deixa eu te falar, não.
	Retirada de frases ou períodos não concluídos.
	Retirada da indicação de risos durante a fala dos participantes (risos).
2ª operação	Introdução da pontuação com base na intuição fornecida pela entoação das falas (<i>estratégia de inserção</i> em que a primeira tentativa segue a sugestão da prosódia).
	Retirada das barras indicativas de pausa ou de entonação de voz efetuando-se às seguintes substituições:
	1 barra (/) por vírgula (,)
	2 barras (//) por ponto final (.)
3ª operação	3 barras (///) por ponto de interrogação (?)
	4 barras por ponto de exclamação (!)
	Retirada de repetições, reduplicações, redundâncias, paráfrases e pronomes egóticos (<i>estratégia de eliminação</i> para uma condensação lingüística).
	da / da, que / que, só / só, é um / é um, essa / esse, pra essa / pra essa, no / no / no, o / o / o, um / um, um dicionário que é construído / um dicionário que é construído, por exemplo / por exemplo, com / com, as minhas / os meus, atingir / atingimento, vou utilizar / vou me utilizar, data vênha / data vênha, elas / elas, daqui / daqui, segunda / segunda, Jack / Jack, ao / ao, que o / que o, como / como, se não / se não, é / é, que se / que se, desse / desse, ou / ou, aquelas / aquelas, esses / esses, um / uma, no / no, de / de / de,
4ª operação	Introdução da paragrafação e pontuação detalhada sem modificação da ordem dos tópicos discursivos (<i>estratégia de inserção</i>).
	Colocação de ponto final nos períodos e revisão da pontuação do texto final escrito conforme norma padrão.
5ª operação	Introdução de marcas metalingüísticas para referência de ações e verbalização de contextos expressos por dêiticos (<i>estratégia de reformulação</i> objetivando explicitude).
	Troca de pronomes para explicitar o conteúdo expresso. ela – você / Wânia
6ª operação	Reconstrução de estruturas truncadas, concordâncias, reordenação sintática, encadeamentos (<i>estratégia de reconstrução</i> em função da norma escrita).
	Colocação de inicial maiúscula no caso de a fala dos participantes da conversação representar um período.
	Colocação de inicial maiúscula nas palavras que representam nomes próprios, títulos, siglas.
	Ajuste ortográfico de palavras abreviadas – tá, tão, ce, pra, pro
8ª operação	Colocação do termo <i>sic</i> – advérbio latino que significa “assim” – entre parênteses após as palavras: cidadãos, artesões, chapéis e degrais para conservação do erro-tema da discussão.
	Reordenação tópica do texto e reorganização da sequência argumentativa (<i>estratégia de estruturação argumentativa</i>).
	Reorganização das falas dos participantes.
	Mudança de lugar e agrupamento de comentários feitos pelos participantes.

5.3 Metodologia de conversão de texto

Levando-se em conta os aspectos desenvolvidos durante a conversão do texto base falado e texto escrito final apresentados anteriormente, a metodologia de conversão de texto oral em escrito proposta neste trabalho pode ser assim resumida:

Passo 1 – Degravação do texto

- Gravação do texto
- Degravação do texto – transcrição literal da fala e registro de pausas respiratórias ou entonação de voz e ações dos falantes (risos)

Passo 2 – Transformação de texto oral em escrito

- Retirada de termos e expressões próprios da oralidade
- Busca automática de termos e expressões próprios da oralidade

Passo 3 – Revisão do texto

- Correção gramatical
- Busca automática de itens gramaticais

Passo 4 – Beneficiamento do texto

- Leitura e revisão do texto
- Formatação do texto para publicação – projeto gráfico

5.4 Formatação do texto para publicação – projeto gráfico

A linguagem gráfica é responsável pela perfeita comunicação entre o conteúdo e o público leitor. As informações devem ser apresentadas em diagramação leve, com distribuição dos textos e recursos gráficos de forma a chamar e prender a atenção do leitor.

Para publicação do texto escrito, quanto à formatação, sugere-se texto justificado, com margem zero, sem entrada de parágrafo. Neste caso, cada diálogo

deve vir separado do outro com espaçamento de 6 pontos antes e 6 pontos depois. O estilo da letra deve ser normal, fonte Arial, tamanho 12, com espaçamento entre linhas simples.

O texto, na forma de diálogo, deve ser escrito, sem hifenização, em apenas uma coluna, com margens esquerda, direita, superior e inferior de 2 cm.

Em caso do uso de imagens e elementos gráficos, como aqueles que contém dicas sobre determinado assunto, estes deverão estar incluídos na formatação e sempre junto ao texto ao qual se referem, com tamanho específico de acordo com o conteúdo exposto ao leitor.

Com relação ao formato, este deve ser definido após o conhecimento da quantidade de laudas que irá constituir a publicação. A escolha do tipo de papel é de suma importância, pois influencia na qualidade da apresentação da obra, mas também está relacionado ao custo. A capa da publicação deve conter além de itens essenciais, tais como título, nome do autor e editora, elementos que atraem a atenção do usuário.

O projeto gráfico de uma publicação deve, no entanto, ser idealizado por profissional – design gráfico – que com base em senso estético e conhecimentos técnicos é capaz de desenvolver projeto que tenha formato adequado que possibilite publicação funcional quanto à distribuição do conteúdo e aos custos operacionais.

Capítulo 6 – Texto falado base X Texto escrito final

Texto falado base	Texto escrito final
Luiza: é assim que se fala / está conosco a professora doutora Wânia de Aragão que é coordenadora do serviço de apoio linguístico da unb / o sal / e o português / a nossa língua / ainda mais quando bem falada / né /// e tal é o sal da da nossa cultura / não é Wânia ///	Luiza: É ASSIM QUE SE FALA, está conosco a Professora Doutora Wânia de Aragão que é Coordenadora do Serviço de Apoio Linguístico da UnB, o SAL, e o português, a nossa língua, ainda mais quando bem falada é o sal da nossa cultura, não é Wânia?
Wânia: sempre / bom dia / sempre é um bom dia com muito sal / às quintas-feiras / aqui na Rádio Nacional / não é ///	Wânia: Sempre, bom dia, sempre é um bom dia com muito SAL, às quintas-feiras, aqui na Rádio Nacional, não é?
Luiza: exatamente	Luiza: exatamente
Wânia: f alando de língua portuguesa / não falando de forma estrupícia / se é que eu podia falar assim	Wânia: Falando de língua portuguesa, não falando de forma estrupícia, se é que eu podia falar assim.
Luiza: ichi	
Wânia: a i Madalena	Madalena
Luiza: s emana passada a Madalena queria saber o que que era estrupício / qual seria o sinônimo de estrupício / né /// achou muita coisa de estrupício ///	Luiza: Semana passada a Madalena queria saber o que era estrupício, qual seria o sinônimo de estrupício. Achou muita coisa de estrupício?
Wânia: s im é uma palavra riquíssima	Wânia: Sim é uma palavra riquíssima.
Luiza: é ///	Luiza: É?
Wânia: c hegamos perto aqui felizmente o tubarão só só chegou assim a rodear	Wânia: Chegamos perto aqui felizmente o tubarão só chegou assim a rodear,
Luiza: ham ham	
Wânia: mas numa atitude linguística que todos nós temos / numa competência no vernáculo que todos nós temos / chegamos perto do sentido eh dicionarizado de estrupício	mas numa atitude linguística que todos nós temos, numa competência no vernáculo que todos nós temos, chegamos perto do sentido dicionarizado de estrupício.
Luiza: p orque assim no sentido popular a gente quando quer dizer que fulano é um estrupício / quer dizer que é um atraso de vida / né /// é um	Luiza: Porque assim no sentido popular a gente quando quer dizer que fulano é um estrupício, quer dizer que é um atraso de vida,
(risos)	
Luiza: é uma pessoa assim digamos chata / né /// aquela que a gente	é uma pessoa assim, digamos, chata.
Wânia: s im / que desconfortável foi essa / eh esse o sentido // Isso se chama o sema da palavra quer dizer a significação nuclear é esta de um desconforto // pode ser um desconforto do mesmo sentido dicionarizado e é o sentido de origem da palavra	Wânia: Sim, desconfortável, foi esse o sentido. Isso se chama o sema da palavra, quer dizer, a significação nuclear é esta, de um desconforto. Pode ser um desconforto do mesmo sentido dicionarizado e é o sentido de origem da palavra,

Luiza: ham	
Wânia: é esse no dicionário do professor Aurélio à página 845 nós temos ali que estrupício é um / e mas já numa palavra essencialmente popular / é um conflito / um motim / uma algazarra / então / algo que causa um desconforto	é esse no dicionário do Professor Aurélio, à página 845, nós temos ali que estrupício, já numa palavra essencialmente popular, é um conflito, um motim, uma algazarra, então, algo que causa um desconforto,
Luiza: ham ham	
Wânia: quer dizer não referente à pessoa // nós com a nossa verve / quer dizer com o / com a nossa capacidade de flexibilizar até mesmo o sentido / estendendo o sentido / num procedimento metaplásmico	quer dizer, não referente à pessoa. Nós com a nossa verve, quer dizer, com a nossa capacidade de flexibilizar até mesmo o sentido, estendendo o sentido num procedimento metaplásmico.
Luiza: nossa senhora ///	Luiza: Nossa Senhora!
Wânia: que foi esta a outra pergunta que foi feita aqui	Wânia: Que foi esta a outra pergunta que foi feita aqui.
Luiza: é verdade metaplásmico // tem razão	Luiza: É verdade metaplásmico, tem razão.
Wânia: exatamente por uma metáfora // a metáfora é um metaplasmo / também	Wânia: Exatamente por uma metáfora. A metáfora é um metaplasmo também,
Luiza: hum	
Wânia: um metaplasmo vocabular / então o que / que acontece esta extensão de sentido // nós temos o segundo sentido grande quantidade ainda já no caminho desta pessoa quase mala	um metaplasmo vocabular, então, acontece esta extensão de sentido. Nós temos o segundo sentido: grande quantidade, ainda já no caminho desta pessoa quase mala,
Luiza: ham	
(risos)	
Wânia: né / então / nós temos numa linguagem absolutamente popular grande quantidade / despropósito / despotismo / os déspotas podem ser / podem ter a alcunha de	então, numa linguagem absolutamente popular, grande quantidade, despropósito, despotismo. Os déspotas podem ser, podem ter a alcunha de
Wânia e Luiza: estrupício	estrupício.
Luiza: é aquele mandão que só vale a vontade dele	Luiza: É aquele mandão que só vale a vontade dele.
Wânia: exatamente // que causa desconforto com a autoridade e caminhando então é uma história lindíssima Madalena por isso Madalena perguntou	Wânia: Exatamente, que causa desconforto com a autoridade e caminhando, então, é uma história lindíssima, Madalena, por isso Madalena perguntou
Luiza: olha só	
Wânia: porque é uma palavra que veio de uma área totalmente diferente e nós / coletivamente / nesse movimento mágico da língua / das transformações / da da dos acréscimos / das extensões de sentido / chegamos até o terceiro já	porque é uma palavra que veio de uma área totalmente diferente e nós, coletivamente, nesse movimento mágico da língua, das transformações, dos acréscimos, das extensões de sentido, chegamos até o terceiro, já do plano físico, já

do plano físico / já caminhando pra essa / pra essa questão da feiúra	caminhando para essa questão da feiúra
Luiza: hum	
Wânia: que é o terceiro sentido / coisas de grandes dimensões // então também é um estrupício eh as coisas de grandes dimensões	que é o terceiro sentido: coisas de grandes dimensões. Então, também, é um estrupício as coisas de grandes dimensões.
Luiza: que são malas / são difíceis de carregar	Luiza: Que são malas, são difíceis de carregar.
Wânia: exatamente	Wânia: exatamente
Luiza: de achar um lugar pra elas	Luiza: De achar um lugar para elas.
(risos)	
Wânia: aí já seriam canastras / baús	Wânia: Neste caso, já seriam canastras, baús.
Luiza: é ///	Luiza: É!
Wânia: quem sabe até caminhões de mudança coisa e tal // eh o quarto sentido aí chegamos aqui no no no coisa estúpida / complicada / fora do comum / estrovenga / que seria um sinônimo	Wânia: Quem sabe até caminhões de mudança. O quarto sentido, aí chegamos no coisa estúpida, complicada, fora do comum, estrovenga, que seria um sinônimo.
Luiza: ichi ichi // estrovenga // é preferível estrupício porque estrovenga ficou muito esquisito // aliás / por falar em estrupício / chegou um rapaz que não é um estrupício / tá ///	Luiza: Estrovenga! É preferível estrupício porque estrovenga ficou muito esquisito. Aliás, por falar em estrupício, chegou um rapaz que não é um estrupício,
(risos)	
Luiza: que veio aqui só pra assistir a sua aula de português Wânia / que é o / o Arlisson que trabalha aqui com a gente / que ele adora ouvir as aulinhas de português aqui e por isso que eu frisei logo não é um estrupício	que veio aqui só para assistir a sua aula de português, Wânia, que é o Arlisson, que trabalha aqui com a gente, que ele adora ouvir as aulinhas de português aqui e por isso que eu frisei logo não é um estrupício.
Wânia: não é um estrupício	Wânia: Não é um estrupício.
Luiza: o Arlisson é sempre bem vindo aqui	Luiza: O Arlisson é sempre bem-vindo aqui.
(risos)	
Wânia: o quinto sentido nem falo estrupício já fomos pra linguagem // asneira / asnice / asnidade / tolice / chegando até ao sentido que é um sentido que eh nem sequer ainda está dicionarizado quer dizer nos documentos ortodoxos que são os vocabulários e os dicionários da língua portuguesa com esse sentido mas no dicionário aberto da Internet que é a Wikipédia que tem um / um dicionário que é construído / um dicionário que é construído pelos usuários da língua	Wânia: O quinto sentido, nem falo estrupício, já fomos para linguagem: asneira, asnice, asnidade, tolice, chegando até ao sentido que nem sequer ainda está dicionarizado, quer dizer, nos documentos ortodoxos que são os vocabulários e os dicionários da língua portuguesa, mas no dicionário aberto da Internet que é a Wikipédia que tem um dicionário que é construído pelos usuários da língua,
Luiza: ham ham	
Wânia: pela Internet	pela Internet. É um site português, de um estudioso português, que abriu essa possibilidade

	de uma construção de uma enciclopédia, de um dicionário coletivamente.
Luiza: e virou o quê ///	Luiza: E virou o quê?
Wânia: vários sentidos como brasileiro popular pessoa esteticamente desacertada / esquisita	Wânia: vários sentidos como, brasileiro popular, pessoa esteticamente desacertada, esquisita.
Luiza: hum	
Wânia: é um site português / de um estudioso português e que abriu essa possibilidade de uma construção de uma enciclopédia / de um dicionário coletivamente	
Luiza: hum	
Wânia: a Wikipédia // certo // então lá já tem o segundo sentido brasileiro popular / pessoa feia	Na Wikipédia, então, já tem o segundo sentido brasileiro popular: pessoa feia.
Luiza: hum	
Wânia: terceiro sentido // falta de ordem // quarto coisa esquisita / complicada / ou fora do comum	Terceiro sentido: falta de ordem. Quarto: coisa esquisita, complicada ou fora do comum.
Luiza: eh // acaba tudo sendo um estrupício / né // aquilo que incomoda / que dá trabalho / que / que é feia / né // fora do comum e que é como é que é o último aqui que você falou / eh	Luiza: Acaba tudo sendo um estrupício, aquilo que incomoda, que dá trabalho, que é feia, fora do comum. Como é o último aqui que você falou?
Wânia: coisa esquisita / complicada	Wânia: coisa esquisita, complicada
Luiza: esquisita / complicada	Luiza: esquisita, complicada
Wânia: e falta de ordem também desordem	Wânia: e falta de ordem também, desordem,
Luiza: eh	
Wânia: desconforto // tudo aquilo que traz desconforto	desconforto. Tudo aquilo que traz desconforto.
Luiza: eh / eu mesma sou uma que gosta de usar esta palavra estrupício // eu acho ela interessante	Luiza: Eu mesma sou uma que gosta de usar esta palavra estrupício, eu acho ela interessante.
Wânia: sinônimos / então / tribufu	Wânia: sinônimos, então: tribufu
Luiza: que também se usa muito na minha família se usa muito tribufu	Luiza: Que também se usa muito. Na minha família se usa muito tribufu.
Wânia: linguagem popular // e em linguagem formal se eu quiser / se eu estiver num texto formal / quiser recuperar estes sentidos que estão / que são de domínio de todos nós / mas não quiser usar a gíria / que que eu vou usar /// desordem / feiúra / como adjetivo é feio / ele é uma pessoa feia / se eu estiver em registro formal / porque no registro formal / nos documentos / nos textos escritos / nas cartas que escrevemos / nós porque que nós temos de utilizar aquilo que já está normalizado / já está nos dicionários / nas gramáticas / nos	Wânia: Linguagem popular e em linguagem formal se eu quiser, se eu estiver num texto formal, quiser recuperar estes sentidos que estão, que são de domínio de todos nós, mas não quiser usar a gíria, o que eu vou usar? Desordem, feiúra. Como adjetivo, é feio: Ele é uma pessoa feia. No registro formal, nos documentos, nos textos escritos, nas cartas que escrevemos, nós temos de utilizar aquilo que já está normalizado, já está nos dicionários, nas gramáticas, nos vocabulários, porque é a garantia de que todos nós dominamos

vocabulários / porque é a garantia de que todos nós dominamos este sentido	este sentido.
Luiza: agora / por exemplo / se eu estiver escrevendo um texto formal / uma redação / por exemplo / pra um concurso / né /// ou pra um vestibular / eh se eu for usar o termo tribufu	Luiza: Por exemplo, se eu estiver escrevendo um texto formal, uma redação para um concurso ou um vestibular, se eu for usar o termo tribufu
Wânia: ainda popular	Wânia: ainda popular
Luiza: ou estrupício / eu teria que colocar entre aspas ou não ///	Luiza: ou estrupício, eu teria que colocar entre aspas ou não?
Wânia: se eu quiser usar correndo o risco de ser apenado	Wânia: Se eu quiser usar correndo o risco de ser apenado.
Luiza: mesmo assim ///	Luiza: mesmo assim?
Wânia: mesmo assim porque se eu estou num sistema de avaliação / sempre há um edital / sempre há um script a ser seguido	Wânia: Mesmo assim porque se eu estou num sistema de avaliação, sempre há um edital, sempre há um script a ser seguido.
Luiza: ham ham	
Wânia: se esse script desse texto que eu vou escrever pedir / exigir / solicitar o uso de um padrão formal culto da língua portuguesa / utilizar uma gíria é fugir a esse a esse padrão / mas no momento em que eu coloco as aspas / eu estou avisando ao meu leitor que eu sei que aquele sentido / aquela palavra é uma palavra com com este outro sentido // porque estrupício com os os sentidos anteriores já está dicionarizado / mas não com este sentido de feiúra	Se esse script desse texto que eu vou escrever pedir, exigir, solicitar o uso de um padrão formal culto da língua portuguesa, utilizar uma gíria é fugir a esse padrão, mas no momento em que eu coloco as aspas eu estou avisando ao meu leitor que eu sei que aquele sentido, aquela palavra é uma palavra com este outro sentido, porque estrupício com os sentidos anteriores já está dicionarizado, mas não com este sentido de feiúra.
Luiza: de tribufu	Luiza: de tribufu
Wânia: de tribufu	Wânia: de tribufu.
(risos)	
Wânia: então / o conveniente é que eu / o que que é /// o conveniente não / o que que é excelência na utilização da língua portuguesa /// é essa de eu saber se eu estou falando / se eu estou escrevendo / escolher a forma adequada	Então, o conveniente, a excelência na utilização da Língua Portuguesa é eu saber se eu estou falando, se eu estou escrevendo, escolher a forma adequada.
Luiza: pra aquela hora / pra aquele lugar e pra aquela pessoa me entender	Luiza: Para aquela hora, para aquele lugar e para aquela pessoa me entender.
Wânia: da mesma forma que escolho a roupa / que escolho a as minhas até os meus / nossos gestos / nós temos gestos diferenciados dependendo se estamos numa festa / se estamos num estádio de futebol	Wânia: Da mesma forma que escolho a roupa, que escolho até os meus, nossos gestos. Nós temos gestos diferenciados, dependendo se estamos numa festa, se estamos num estádio de futebol.
Luiza: se estamos numa entrevista de emprego / né ///	Luiza: Se estamos numa entrevista de emprego.

Wânia: se estamos numa entrevista de emprego / se estamos numa situação de avaliação e temos de saber qual é a expectativa do outro em relação a nossa fala	Wânia: Se estamos numa entrevista de emprego, se estamos numa situação de avaliação, temos de saber qual é a expectativa do outro em relação a nossa fala.
Luiza: hum	
Wânia: e o texto certo sempre é aquele que dá certo // que que é dar certo /// é atingir / atingimento de meta textual / é aquele texto efetivo	O texto certo sempre é aquele que dá certo. O que é dar certo? É atingimento de meta textual, é aquele texto efetivo.
Luiza: então / por exemplo / se um professor ou se um examinador me pede pra escrever um texto seguindo determinadas regras se eu seguir aquelas regras eu vou tá fazendo o texto certo / né ///	Luiza: Então, por exemplo, se um professor ou se um examinador me pede para escrever um texto seguindo determinadas regras, se eu seguir aquelas regras, eu vou estar fazendo o texto certo, não é?
Wânia: sim	Wânia: sim
Luiza: que nem sempre vai ser o texto certo pra eu me comunicar com o meu ouvinte por exemplo / né ///	Luiza: Que nem sempre vai ser o texto certo para eu me comunicar com o meu ouvinte, por exemplo, não é?
Wânia: com certeza // e se eu / dependendo / se eu não quero esclarecer eu vou utilizar / vou me utilizar de recursos de não esclarecimento	Wânia: Com certeza, e se eu, dependendo, se eu não quero esclarecer, eu vou me utilizar de recursos de não-esclarecimento.
Luiza: eh // aliás como tem gente que gosta de não esclarecer / não é /// fala fala fala e a gente não entende nada // oh Arlisson / você tem a permissão de usar o microfone aqui para tirar a sua dúvida // nos termos judiciários / ich / é mesmo	Luiza: Aliás, como tem gente que gosta de não esclarecer, não é? Fala, fala, fala, e a gente não entende nada. Arlisson, você tem a permissão de usar o microfone aqui para tirar a sua dúvida, nos termos judiciários,
Wânia: sim	
Luiza: nos termos técnicos / né /// de uma maneira geral eh os termos técnicos	nos termos técnicos de uma maneira geral.
Wânia: sim inacessível é um instrumento de poder / como a chamada letra dos médicos / data venia / com todo respeito aos médicos	Wânia: Inacessível, é um instrumento de poder como a chamada letra dos médicos, data vênica, com todo respeito aos médicos.
(risos)	
Luiza: data venia é triste	Luiza: Data venia é triste.
Wânia: data venia / pois é // data venia é uma expressão latina muito utilizada nos textos jurídicos e já não recomendada // todos os manuais de redação jurídica / principalmente nestes textos eh eh que são de diálogo / de comunicação nos processos no direito processual / eles não devem conter máximas em latim porque essas máximas / elas elas	Wânia: Data venia é uma expressão latina muito utilizada nos textos jurídicos e já não recomendada. Todos os manuais de redação jurídica principalmente nestes textos que são de diálogo, de comunicação nos processos no direito processual, eles não devem conter máximas em latim porque essas máximas
Luiza: são mínimas agora	Luiza: São mínimas agora
Wânia: são mínimas	Wânia: são mínimas.

Luiza: o que que é data venia mesmo / hein ///	Luiza: O que é data venia?
Wânia: com todo respeito	Wânia: com todo respeito
Luiza: ah / com todo respeito	Luiza: com todo respeito
Wânia: é um ótimo recurso / uma ótima estratégia quando eu respeito a categoria como é o meu caso / respeito a categoria médica / mas é um fato que os médicos se utilizam de uma letra nas receitas / não é ///	Wânia: É um ótimo recurso, uma ótima estratégia quando eu respeito a categoria como é o meu caso, respeito a categoria médica, mas é um fato que os médicos se utilizam de uma letra nas receitas, não é?
Luiza: é / mas agora eles tão tendo até que seguir outras normas / né /// agora tem normas / regras de que eles têm de escrever de linguagem / de uma forma clara	Luiza: É, mas agora eles estão tendo até que seguir outras normas. Agora tem normas, regras de que eles têm de escrever de uma forma clara.
Wânia: é até a Anvisa / o bulário o bulário também as bulas dos remédios têm de ter partes de de tem de ser acessíveis / é a questão da acessibilidade à informação	Wânia: Até a Anvisa, o bulário, também, as bulas dos remédios têm de ser acessíveis, é a questão da acessibilidade à informação.
Luiza: muito bem // está na linha conosco o Luiz Carlos // oh / Luiz Carlos ///	Luiza: Está na linha conosco o Luiz Carlos.
Luiz Carlos: sim	
Luiza: tudo bem ///	Tudo bem?
Luiz Carlos: é um prazer conversar com vocês	Luiz Carlos: É um prazer conversar com vocês.
Luiza: o prazer é nosso // cê tá falando de onde ///	Luiza: O prazer é nosso. Você está falando de onde?
Luiz Carlos: eh eu estou falando daqui daqui do Guará	Luiz Carlos: Eu estou falando daqui do Guará.
Luiza: do Guará // eh qual que é a sua dúvida ///	Luiza: Qual é a sua dúvida?
Luiz Carlos: deixa eu te falar oh // eu tenho dois dicionários aqui e esses dicionários // eu sou um cara que gosto muito de estudar a língua portuguesa // eu sei mais ou menos o que que significa a palavra intimista // os meus dicionários aqui os dois não têm realmente o significado	Luiz Carlos: Eu tenho dois dicionários aqui, eu sou um cara que gosto muito de estudar a Língua Portuguesa, eu sei mais ou menos o que significa a palavra intimista. Os meus dicionários aqui não têm realmente o significado.
Luiza: hum	
Luiz Carlos: outra coisa // por que que a maioria das dos famosos cultos dos famosos cultuados tem a mania de falar cidadãos // eu acho um horror ///	Outra coisa: por que a maioria dos famosos cultos, dos famosos cultuados, tem a mania de falar cidadãos (sic). Eu acho um horror!
(risos)	
Luiz Carlos: político / senador / deputado	político, senador, deputado
(risos)	
Luiza: deve ser pra querer aparecer	Luiza: Deve ser para querer aparecer.

Luiz Carlos: ci dadões é brincadeira // esses caras são de lascar o cano / viu ///	Luiz Carlos: Cidadões (sic) é brincadeira. Esses caras são de lascar o cano.
(risos)	
Luiz Carlos: é brincadeira	É brincadeira.
Luiza: não / ci dadões é feio demais	Luiza: Cidadões (sic) é feio demais.
Luiz Carlos: é brincadeira	Luiz Carlos: É brincadeira.
Luiza: ch ama atenção deve ser por isso	Luiza: Chama atenção, deve ser por isso.
Luiz Carlos: é igualzinho um um cartaz que saiu em Taguatinga // eh segunda segunda mostra dos artesões de Taguatinga	Luiz Carlos: É igualzinho a um cartaz que saiu em Taguatinga: segunda mostra dos artesões (sic) de Taguatinga.
Luiza: ham ham	
Luiz Carlos: artesões / é brincadeira também	Artesões (sic) é brincadeira também.
Wânia: de que ///	Wânia: de que?
Luiza: artesões	Luiza: artesões (sic)
Wânia: ah / dos artesões	Wânia: dos artesões (sic)
Luiza: eh / cidadões e artesões ////	Luiza: cidadões (sic) e artesões! (sic)
Wânia: eh essa essa / Luiz Carlos / a primeira em relação à palavra intimista // é uma palavra que adquiriu sentido de da da introspecção // é uma palavra utilizada num outro tipo de registro eh no registro literário / né /// da crítica literária / mas muito mais em algo que se eh que para o que podemos utilizar uma palavra até em inglês que é alguma coisa cult / numa linguagem cult / essa questão do ambiente intimista / agora também as decorações / as revistas de decoração tão utilizando essa palavra também	Wânia: Luiz Carlos, a primeira em relação à palavra intimista: é uma palavra que adquiriu sentido de introspecção. É uma palavra utilizada num outro tipo de registro, no registro literário, da crítica literária, mas muito mais em algo para o que podemos utilizar uma palavra até em inglês que é alguma coisa cult, numa linguagem cult, essa questão do ambiente intimista, agora também as decorações, as revistas de decoração estão utilizando essa palavra também.
Luiza: hum hum	
Wânia: então num registro cult que seria esse elitizado o que quer ser elitizado / essa palavra está adquirindo um sentido político / adquiriu um sentido politicamente corretíssimo que é esse da introspecção	Então, num registro cult que seria esse elitizado, o que quer ser elitizado, essa palavra está adquirindo um sentido político, adquiriu um sentido politicamente corretíssimo, que é esse da introspecção.
Luiza: introspecção	Luiza: introspecção
Wânia: sem a egolatria	Wânia: sem a egolatria
Luiza: hum // ela fala cada coisa difícil ////	Luiza: Você fala cada coisa difícil!
Wânia: vamos lá então	
Luiza: vamos lá / egolatria	egolatria
Wânia: a atitude / a estratégia de Jack Jack / o estripador	Wânia: a atitude, a estratégia de Jack, o estripador

Luiza: n ossa s enhora ///	Luiza: Nossa Senhora!
Wânia: aquela vamos por parte / vamos segmentar a palavra	Wânia: Aquela, vamos por parte, vamos segmentar a palavra:
(risos)	
Wânia: ego e latria	ego e latria,
Luiza: hum	
Wânia: quer dizer a idolatria / a adoração do ego / do eu	quer dizer, a idolatria, a adoração do ego, do eu.
Luiza: de si mesmo	Luiza: de si mesmo
Wânia: eh o intimista seria aquele introspectivo também se nós formos segmentar / nós vamos ver esse movimento para dentro / sem o culto	Wânia: O intimista seria aquele introspectivo também se nós formos segmentar, nós vamos ver esse movimento para dentro, sem o culto.
Luiza: pra dentro de si mesmo	Luiza: para dentro de si mesmo
Wânia: pra dentro de si mesmo sem o culto	Wânia: para dentro de si mesmo sem o culto
Luiza: sem tá aí se adorando / se achando apenas o máximo / né ///	Luiza: Sem estar se adorando, se achando apenas o máximo.
Wânia: e a questão da flexão / isso é / são erros que acontecem / que vem de uma competência no sistema / mas um desconhecimento dos subsistemas que cada palavra ou cada grupo de palavras eh percorrer // porque o conhecimento do sistema é que a regularidade é o plural em ão seria o plural em ões // Então / esse essa é a regularidade / seria a frequência / a mais frequente // na nossa língua há um número muito maior de palavras com o plural em ões // essa é a forma mais frequente de palavras que têm o plural em ão	Wânia: E a questão da flexão, isso é, são erros que acontecem, que vêm de uma competência no sistema, mas um desconhecimento dos subsistemas que cada palavra ou cada grupo de palavras percorrer. O conhecimento do sistema é que a regularidade é que o plural em ão seria ões. Então, essa é a regularidade, seria a frequência, a mais frequente. Na nossa língua há um número muito maior de palavras com o plural em ões. Essa é a forma mais frequente de palavras que têm o plural em ão.
Luiza: hum hum	
Wânia: mas um desconhecimento de que / das palavras elas seguem caminhos diferentes // e seguiram caminhos diferentes desde o latim / desde o grego / desde o latim / o português vulgar / o português arcaico / um português contemporâneo / conforme ela / e vai depender muito de como elas são utilizadas que adjetivo vem antes ou vem depois	Mais um desconhecimento de que as palavras seguem caminhos diferentes. E seguiram caminhos diferentes desde o latim, desde o grego, o português vulgar, o português arcaico, um português contemporâneo, conforme a palavra, e vai depender muito de como elas são utilizadas que adjetivo vem antes ou vem depois.
Luiza: agora / falando aí do plural / eu me lembrei que eu já ouvi muita gente boa falando em chapéis / né ///	Luiza: Falando do plural, eu me lembrei que eu já ouvi muita gente boa falando em chapéis (sic)
Wânia: hum hum	
Luiza: e degraís	e degraís: (sic)
Wânia: certo	

Luiza: subiu os degrais e tirou os chapéis	subiu os degrais (sic) e tirou os chapéis. (sic)
Wânia: neste caso	
Luiza: e é bom a gente lembrar que os dois estão errados / né ///	E é bom a gente lembrar que os dois estão errados.
Wânia: e se caso eu não possa / caso eu não possa consultar	Wânia: E se caso eu não possa, caso eu não possa consultar,
Luiza: hum	
Wânia: o que que eu tenho de fazer e sempre é uma estratégia da qual eu me utilizo e que digo as pessoas que que não que utilizem também se não puderem consultar	o que eu tenho de fazer e sempre é uma estratégia da qual eu me utilizo e que digo as pessoas que utilizem também se não puderem consultar.
Luiza: hum hum	
Wânia: a primeira estratégia que dá sempre certo é substituir // é aquela história que eu contei aqui do cidadão que foi ao ao circo e queria escrever uma carta e não sabia // a coisa de que ele mais gostou foi do número do anão / a ele não sabia se era anão / anões / anãs e o que ele fez /// ele substituiu e disse eu / aquilo que eu mais gostei foi o número de um anão e de outro anão // então evite o plural	A primeira estratégia que dá sempre certo é substituir. É aquela história que eu contei aqui do cidadão que foi ao circo e queria escrever uma carta e não sabia. A coisa de que ele mais gostou foi do número do anão, mas ele não sabia se era anão, anões, anãs, e o que ele fez? Ele substituiu e disse: aquilo que eu mais gostei foi o número de um anão e de outro anão. Então, evite o plural,
Luiza: hum hum	
Wânia: mesmo porque o singular ele é sempre mais econômico e eu tenho sempre menos um caráter / singular de caracteres // isso é algo estranhíssimo / mas é assim mesmo / o singular de caracteres é caráter // então sempre o plural tem mais um caráter / que o que o que o singular	mesmo porque o singular é sempre mais econômico e eu tenho sempre menos um caráter, singular de caracteres. Isso é algo estranhíssimo, mas é assim mesmo: o singular de caracteres é caráter. Então, sempre o plural tem mais um caráter que o singular.
Luiza: hum hum	
Wânia: então optar pelo singular ou fazer substituição se eu preciso utilizar o plural / que que eu vou fazer /// primeira é regularidade do sistema / colocar só o s // segunda / utilizar a forma mais freqüente que é matemática // minhas possibilidades de acertar são muito maiores se eu fizer o plural em ões // porque há muito mais palavras com o plural em ões	Então, optar pelo singular ou fazer substituição se eu preciso utilizar o plural, que eu vou fazer? Primeira é regularidade do sistema: colocar só o s; segunda, utilizar a forma mais freqüente que é matemática, minhas possibilidades de acertar são muito maiores se eu fizer o plural em ões, porque há muito mais palavras com o plural em ões;
Luiza: hum hum	
Wânia: e terceiro eh e se soar mal como é o caso como como disse aqui Luiz Carlos	e terceiro, se soar mal, como é o caso como disse aqui Luiz Carlos:
Luiza: eh	
Wânia: se soou mal é que a minha competência sistemática / a nossa competência que é enorme	se soou mal é que a minha competência sistemática, a nossa competência que é enorme

de todo um aprendizado assistemático que temos da língua portuguesa / uma aprendizagem incidental como diz a psicologia está ali nos sinalizando que aquela forma está errada	de todo um aprendizado assistemático que temos da língua portuguesa, uma aprendizagem incidental como diz a psicologia, está ali nos sinalizando que aquela forma está errada.
Luiza: então olha o plural de chapéu qual é ///	Luiza: Então, o plural de chapéu qual é?
Wânia: chapéus	Wânia: chapéus
Luiza: chapéus // o plural de degrau ///	Luiza: chapéus, o plural de degrau?
Wânia: degraus	Wânia: degraus
Luiza: degraus	Luiza: degraus
Wânia: e pela regularidade // quer dizer se fosse sempre pelo s o acréscimo do s / segundo eu aumento as minhas possibilidades // se não se não dá certo / se soa mal / no caso do ão / vou pro ões	Wânia: E pela regularidade, quer dizer, se fosse sempre pelo s, o acréscimo do s; segundo, eu aumento as minhas possibilidades. Se não dá certo, se soa mal, no caso do ao, vou para o ões;
Luiza: hum hum	
Wânia: se soou mal / vou pro ãos	se soou mal, vou para o aos;
Luiza: ham ham	
Wânia: e por último / o ãs que no caso até de cidadão	e, por último, o ãs que no caso até de cidadão
Luiza: eh	
Wânia: é a forma	é a forma.
Luiza: agora por exemplo mão é e fácil	Luiza: Por exemplo, mão é fácil.
Wânia: e regularidade	Wânia: É regularidade.
Luiza: porque se você tá lá como é que é o plural de mão /// mães é que não ia ser / né ///	Luiza: Porque se você está na dúvida de como é o plural de mão, mães é que não ia ser.
(risos)	
Wânia: mesmo porque ia remeter para um outro sentido imagina / né ///	Wânia: Mesmo porque ia remeter para um outro sentido.
Luiza: tudo bem que as mãos dão as mães	Luiza: Tudo bem que as mãos dão as mães.
Luiza e Wânia: as mães dão as mãos / mas	Luiza e Wânia: As mães dão as mãos.
Luiza: não é bem assim / né /// agora eh Luiz Carlos eh pra mim dói quando eu escuto os chapéis / que é bastante comum a gente escutar os chapéis / degraís já é menos comum mas também eh a gente ouve de vez em quando / né ///	Luiza: Não é bem assim. Luiz Carlos, para mim dói quando eu escuto os chapéis (sic), que é bastante comum a gente escutar os chapéis (sic), degraís (sic) já é menos comum, mas também a gente ouve de vez em quando. Então, é chapéus e degraus, e cidadãos e artesãos, não é?
Wânia: isso	Wânia: isso
Luiza: aí então fica resolvido aí o o problema	Luiza: Então, fica resolvido o problema.

Wânia: e aproveitando em relação aquilo que se que se escuta você Luiza acabou de utilizar corretamente o pronome para mim / a forma para mim só que no início da da oração porque se fosse escrito haveria uma vírgula depois de para mim você trouxe lá do final e disse para mim vírgula dói fazer isso	Wânia: E aproveitando em relação aquilo que se escuta, você, Luiza, acabou de utilizar corretamente o pronome para mim, a forma para mim, só que no início da oração, porque se fosse escrito haveria uma vírgula depois de para mim, você trouxe do final e disse para mim vírgula dói fazer isso.
Luiza: hum hum	
Wânia: e não / só vou utilizar sempre o para mim depois de preposição é sempre mim / a forma mim / só existe uma situação em que à direita da preposição mas não regida por ela se vai usar o eu é quando à direita do do eu / do pronome / houver um verbo terminado em r / que não é o caso porque você disse para mim dói	Vou utilizar sempre o para mim, depois de preposição é sempre mim, a forma mim. Só existe uma situação em que à direita da preposição, mas não regida por ela, se vai usar o eu: é quando à direita do eu, do pronome, houver um verbo terminado em r, que não é o caso porque você disse para mim dói.
Luiza: hum hum	
Wânia: não seria / só seria para eu para eu eh	Só seria para eu
Luiza: ver	Luiza: ver
Wânia: ver terminado em r	Wânia: ver terminado em r,
Luiza: hum hum	
Wânia: se à direita desse desse pronome houver um verbo terminado em r no infinitivo / então eu vou ter o pronome eu / de resto é para mim mesmo / mas / para mim vírgula	se à direita desse pronome houver um verbo terminado em r, no infinitivo. Então, eu vou ter o pronome eu. De resto é para mim mesmo, mas para mim vírgula.
Luiza: e você falou ai dos truques / né /// de falar e ver como é que soa / eu costumo usar muito esses truques assim pra escrever por exemplo cê quer saber se a palavra tá tá escrita certa ou não / cê escreve as duas formas geralmente a gente acerta porque dói na vista também quando você bate o olho numa palavra você fala não / não é assim / não é não / não é com x é com ch / né ///	Luiza: E você falou dos truques de falar e ver como é que soa. Eu costumo usar muito esses truques assim para escrever, por exemplo, você quer saber se a palavra está escrita certa ou não: você escreve as duas formas geralmente a gente acerta porque dói na vista também quando você bate o olho numa palavra você fala não, não é assim, não é não, não é com x é com ch, não é?
Wânia: é / mas a primeira quase sempre a primeira forma em que eu escrevo quase sempre é a certa	Wânia: É, mas a primeira forma que eu escrevo quase sempre é a certa.
Luiza: é // e ai quando você escreve um texto e lê em voz alta também você é capaz de perceber se o texto está claro ou ou ou se a palavra tá escrita certa / né ///	Luiza: É, e quando você escreve um texto e lê em voz alta também é capaz de perceber se o texto está claro ou se a palavra está escrita certa, não é?
Wânia: com certeza / porque você ouve e se coloca na posição de quem vai ler o seu texto / e quando nós lemos / nós ouvimos toda a parte fonética e fonológica / todos os cacófatos / cacófatos são aquelas aquelas aproximações da sílaba final de uma palavra com a sílaba anterior como por cada	Wânia: Com certeza, porque você ouve e se coloca na posição de quem vai ler o seu texto e, quando nós lemos, nós ouvimos toda a parte fonética e fonológica, todos os cacófatos. Cacófatos são aquelas aproximações da sílaba final de uma palavra com a sílaba anterior como por cada.

Luiza: hum hum	
Wânia: cada vez que alguém escreve por cada	Cada vez que alguém escreve por cada,
Luiza: eh	
Wânia: você ouve todos os porquinhos	você ouve todos os porquinhos.
Luiza: exatamente	Luiza: exatamente
Wânia: ou então algo	Wânia: ou então algo
Luiza: oinc oinc oinc	Luiza: oinc oinc oinc
(risos)	
Wânia: semana passada nós falamos em clareza // uma das regras de produtividade é você retirar o que alguns autores chamam de linguagem suína do seu texto	Wânia: Semana passada nós falamos em clareza. Uma das regras de produtividade é você retirar o que alguns autores chamam de linguagem suína do seu texto.
Luiza: hum	
Wânia: agora eu me lembrei por conta de por cada eu me lembrei da linguagem suína	Agora eu me lembrei, por conta de por cada, eu me lembrei da linguagem suína.
Luiza: ham	
Wânia: é o que	
Luiza: linguagem suína do texto / meu Deus ////	Luiza: linguagem suína do texto, meu Deus!
Wânia: é / você retira os indefinidos // se cada um de nós retirar são sessenta milhões mais ou menos sessenta milhões de brasileiros produtivos que escrevem todos os dias um texto / se cada um de nós tirar um indefinido por dia serão menos cento e oitenta milhões	Wânia: Você retira os indefinidos. Se cada um de nós retirar, são mais ou menos sessenta milhões de brasileiros produtivos que escrevem todos os dias um texto. Se cada um de nós tirar um indefinido por dia serão menos cento e oitenta milhões.
Luiza: por dia / não é por cada dia não / né ///	Luiza: Por dia, não é por cada dia não.
(risos)	
Wânia: por cada dia não // é porque a substituição cada além de tudo é excesso / porque o por dá conta	Wânia: Por cada dia não, porque a substituição cada além de tudo é excesso, porque o por dá conta
Luiza: do resto	Luiza: do resto
Wânia: perfeitamente da informação // então serão menos cento e oitenta milhões de caracteres / e custei a descobrir o que era linguagem suína até que eu vi o texto	Wânia: perfeitamente da informação. Então, serão menos cento e oitenta milhões de caracteres, e custei a descobrir o que era linguagem suína até que eu vi o texto.
Luiza: hum // dá um exemplo	Luiza: Dá um exemplo.
Wânia: um texto com muitos pronomes indefinidos um um um um um linguagem suína	Wânia: um texto com muitos pronomes indefinidos, um um um um um: linguagem suína.
(risos)	

Wânia: essa imitação agora aqui triste // realmente não é a minha área	Essa imitação agora aqui triste realmente não é a minha área.
Luiza: realmente	Luiza: realmente
Luiza: e olha eh eh / é até divertido você escrever e depois sair cortando o um e porque a gente tem mania mesmo de botar um isso / um isso	Luiza: É até divertido você escrever e depois sair cortando o um, porque a gente tem mania mesmo de botar um isso, um isso.
Wânia: sim / é um vício de todos nós e totalmente improdutivo	Wânia: É um vício de todos nós e totalmente improdutivo.
Luiza: eu fui lá e comprei um não sei que lá e um um um um um um	Luiza: Eu fui lá e comprei um não sei que lá e um um um um um um.
Wânia: então nós enxugamos o nosso texto tiramos o desconforto que o outro ao ler o texto e porque eu sempre digo que o texto só se tem uma uma possibilidade na hora em que o outro vai ler o texto / porque texto é semelhante a filho / depois que você fez ele é do mundo e é do leitor que vai reconstruir aquele texto / vai reescrever aquele texto // então o que o que acontece eh na hora que o leitor está lendo o texto ele vai ouvir esse / todos esses esses ruídos que você tem ali	Wânia: Então, nós enxugamos o nosso texto, tiramos o desconforto do outro ao ler o texto e porque eu sempre digo que o texto só se tem uma possibilidade na hora em que o outro vai ler o texto, porque texto é semelhante a filho: depois que você fez ele é do mundo e é do leitor que vai reconstruir aquele texto, vai reescrever aquele texto. Então, na hora que o leitor está lendo o texto ele vai ouvir todos ruídos que tem ali.
Luiza: hum hum	
Wânia: então retirar um texto / muito menos retirar os indefinidos você não perde a informação / você ganha em eufonia do texto no conforto sonoro que o texto traz e ganha também em número de caracteres / memória de computador / deveria ser uma grande campanha	Então, ao retirar os indefinidos você não perde a informação, você ganha em eufonia do texto, no conforto sonoro que o texto traz e ganha, também, em número de caracteres, memória de computador, deveria ser uma grande campanha.
Luiza: regra	Luiza: regra
(risos)	
Luiza: olha só tem uma pergunta da Madalena aqui de novo	Tem uma pergunta da Madalena aqui de novo.
Wânia: sim	
Luiza: da outra vez foi estrupício	Da outra vez foi estrupício,
Wânia: sim	
Luiza: agora ela quer saber brocoió // brocoió já é gíria / né /// brocoió para mim é jeca	agora ela quer saber brocoió. Brocoió já é gíria. Brocoió para mim é jeca,
Wânia: mas	
Luiza: né /// uma pessoa fora de moda / não é /// um brocoió ///	uma pessoa fora de moda.
Wânia: mas deve ser um regionalismo não é ///	Wânia: Deve ser um regionalismo, não é?
Luiza: vamos ver // vamos / o dicionário tá ali oh as páginas dele girando	Luiza: Vamos ver, o dicionário está ali, as páginas dele girando.

Wânia: hoje eu o trouxe aproveitando para fazer não só	Wânia: Hoje eu o trouxe aproveitando para fazer não só
Luiza: brocoió	
Wânia: um exercício de neurônios como também um exercício físico	um exercício de neurônios como também um exercício físico.
Luiza: físico de carregar peso porque ela trouxe três	Luiza: Físico de carregar peso, porque ela trouxe três.
Wânia: sim / peso nobre	Wânia: sim, peso nobre
Luiza: malas / três canastras / como ela diz	Luiza: Malas, três canastras, como você diz:
(risos)	
Luiza: eh a bolsa / a canastra dela onde ela carrega um mundo de gramáticas / né /// e trouxe ainda o dicionário que não é nem um dicionário edição de bolso não	a bolsa, a canastra dela onde ela carrega um mundo de gramáticas e trouxe, ainda, o dicionário, que não é nem um dicionário edição de bolso.
Wânia: exatamente	Wânia: exatamente
Luiza: que que é o brocoió ///	Luiza: O que é o brocoió?
Wânia: brocoió é um uma é algo existente só em nossa língua / tem como significado eh no dialeto caipira / brasileiro na região nordeste	Wânia: Brocoió é algo existente só em nossa língua, tem como significado, no dialeto caipira, brasileiro, na região nordeste,
Luiza: ham	
Wânia: casa onde se vende exclusivamente caldo de cana	casa onde se vende exclusivamente caldo de cana.
Luiza: brocoió ///	Luiza: brocoió?
Wânia: brocoió	Wânia: brocoió
Luiza: uai / mas na gíria não é / brocoió não vende caldo de cana não // fulano é um brocoió na gíria / é claro que isso aqui não é um dicionário de gíria / né /// mas na gíria brocoió é um sujeito fora de moda	Luiza: Mas na gíria não é, brocoió não vende caldo de cana. Fulano é um brocoió – isso aqui não é um dicionário de gíria – mas, na gíria, brocoió é um sujeito fora de moda.
Wânia: vamos ver a extensão	Wânia: Vamos ver a extensão,
Luiza: né ///	
Wânia: sempre / olha / na hora de procurar um verbete no dicionário / uma palavra no dicionário / nós vamos no verbete / o que aparece em primeiro lugar / a primeira entrada no verbete é sempre a mais freqüente	sempre, na hora de procurar um verbete no dicionário, uma palavra no dicionário, nós vamos no verbete, o que aparece em primeiro lugar, a primeira entrada no verbete é sempre a mais freqüente,
Luiza: hum	
Wânia: é o sentido mais freqüente e aqui há uma variante / a variante de caipira / tem aqui ver caipira	é o sentido mais freqüente e aqui há uma variante, a variante de caipira, tem aqui: ver caipira,

Luiza: eh	
Wânia: e a variante de caipira no seu sentido primeiro / vamos ver / então	e a variante de caipira, no seu sentido primeiro, vamos ver.
Luiza: então / pra mim um brocoió é isso / um caipira	Luiza: Então, para mim um brocoió é um caipira.
Wânia: que já é o que um metaplasmo / uma extensão de sentido / quer dizer	Wânia: Que já é um metaplasmo, uma extensão de sentido, quer dizer,
Luiza: olha o metaplasmo aparecendo aí de novo	
Wânia: é sempre uma transformação	é sempre uma transformação.
Luiza: é / pra mim brocoió é caipira / é fora de moda / é jeca / né /// é um brocoió	Luiza: Para mim brocoió é caipira, é fora de moda, é jeca.
Wânia: do uso // vamos ver o caipira	Wânia: Do uso, vamos ver o caipira.
Luiza: vamos ver aí o caipira	Luiza: Vamos ver aí o caipira.
Wânia: no sentido primeiro de caipira	Wânia: no sentido primeiro de caipira
Luiza: caipira	Luiza: caipira
Wânia: vamos ver se continua com esse sentido de de	Wânia: vamos ver se continua com esse sentido de
Luiza: aí você pode mudar a música aquela sou caipira pira brocoió	Luiza: Você pode mudar a música, aquela sou caipira pira brocoió.
(risos)	
Wânia: Uma informação também de procurar em listagens e dicionários é a informação de como procurar o nome de ruas no no o cep de determinadas ruas // não esquecer de tirar o os títulos nobiliárquicos que eles não entram na ordenação alfabética nos dicionários / nos livros do cep / então	Wânia: Uma informação também de procurar em listagens e dicionários é buscar o nome de ruas, o CEP de determinadas ruas, sem esquecer de tirar os títulos nobiliárquicos, porque eles não entram na ordenação alfabética nos dicionários, nos livros do CEP.
Luiza: traduz o que é um título nobiliárquico ///	Luiza: Traduz o que é um título nobiliárquico?
Wânia: é um título de de de nobreza ou é um título de uma hierarquia // então a rua dom Manuel / a pessoa jamais vai achar o cep desta rua	Wânia: É um título de nobreza ou de uma hierarquia. Então, a rua Dom Manuel, a pessoa jamais vai achar o CEP desta rua
Luiza: no dom	Luiza: no Dom
Wânia: no dom vai achar sempre no Manuel / no m de Manuel // então eh capitão	Wânia: no Dom. Vai achar sempre no Manuel, no m de Manuel. Então, capitão
Luiza: fulano de tal	Luiza: fulano de tal
Wânia: vai achar na primeira letra do nome // então tudo aquilo que for título no nome de ruas e de logradouros	Wânia: vai achar na primeira letra do nome. Então, tudo aquilo que for título no nome de ruas e de logradouros
Luiza: hum hum	

Wânia: tem de ser retirado na hora de eu procurar porque é uma das regras de ordenação	tem de ser retirado na hora de eu procurar, porque é uma das regras de ordenação
Luiza: muito bem	
Wânia: alfabética	alfabética.
Luiza: então oh agora a professora Wânia de Aragão tá procurando agora caipira porque no brocoió a palavra que apareceu era caipira e o nosso tempo já acabou viu /// pra variar / né /// a gente tá aqui invadindo o tempo	Luiza: Agora, a Professora Wânia de Aragão está procurando caipira porque, no brocoió, a palavra que apareceu era caipira e o nosso tempo já acabou. Para variar, a gente está invadindo o tempo.
Wânia: nesse sentido tá aqui oh disse do caipira // então o brocoió de do nome de de casa do local onde se vendia cana / passou a significar caipira // Se eu digo que alguém é brocoió	Wânia: Nesse sentido está aqui: disse do caipira. Então, o brocoió, de nome de casa do local onde se vendia cana, passou a significar caipira. Se eu digo que alguém é brocoió
Luiza: é é uma pessoa caipira	Luiza: é uma pessoa caipira.
Wânia: é esse o sentido que está dicionarizado / mas vamos e fica pra semana que vem a atualização e quem quiser já pode ir adiantando / atualização na Wikipédia	Wânia: É esse o sentido que está dicionarizado, mas fica para semana que vem a atualização na Wikipédia e quem quiser já pode ir adiantando.
Luiza: tá certo // vamos lá professora Wânia de Aragão o nosso tempo acabou / há muito tempo por sinal	Luiza: Professora Wânia de Aragão, o nosso tempo acabou há muito tempo, por sinal.
(risos)	
Wânia: esta língua	Wânia: esta língua
Luiza: mas esta língua portuguesa	Luiza: mas esta língua portuguesa
Wânia: maravilhosa	Wânia: maravilhosa
Luiza: que nos encanta / que se fala uma palavra você vai lembrando de outra / de outra / de outra / de outra / acaba espichando o assunto / né /// eu gostaria de agradecer a participação	Luiza: Que nos encanta, porque se fala uma palavra e você vai lembrando de outra, de outra, de outra, de outra e acaba espichando o assunto. Eu gostaria de agradecer a participação.
Wânia: eu é que sempre agradeço	Wânia: Eu é que sempre agradeço.
Luiza: é vamos lembrar e você tinha falado no começo e eu acabei esquecendo de novo de dizer que era pra ligar no 3327 4133 pra deixar as suas dúvidas de português / eu falo isso durante o começo do programa e o programa todo e na hora eu esqueci de dizer outra vez / tá /// o número então é esse anote 3327 4133 e o contato lá com o sal que é o serviço de apoio linguístico da universidade de Brasília / qual é ///	Luiza: E vamos lembrar – você tinha falado no começo e eu acabei esquecendo de novo de dizer – que era para ligar no 3327 4133 para deixar as suas dúvidas de português. Eu falo isso durante o começo do programa e o programa todo e na hora eu esqueci de dizer outra vez. O número, então, é esse, anote: 3327 4133. E o contato lá com o SAL que é o serviço de apoio linguístico da Universidade de Brasília, qual é?
Wânia: 3307 2741	Wânia: 3307 2741
Luiza: 3307	Luiza: 3307
Luiza e Wânia: 2741	Luiza e Wânia: 2741

Luiza: ou então por e-mail que é o salil com L no final / né /// salil	Luiza: Ou, então, por e-mail que é o: salil, com L no final, salil
Luiza e Wânia: @unb.br	Luiza e Wânia: @unb.br
Luiza: viu como eu já decorei /// também / né ///	Luiza: Viu como eu já decorei?
(risos)	
Luiza: Wânia brigada e é assim que se fala	Wânia, obrigada e É ASSIM QUE SE FALA
Wânia: muito obrigada // é assim que se fala / até quinta	Wânia: muito obrigada, É ASSIM QUE SE FALA, até quinta.
Luiza: até quinta	Luiza: até quinta

Conclusão

Tendo como base de análise programa de rádio semanal que apresenta conversação sobre Língua Portuguesa, foi possível atingir o objetivo proposto de construção de metodologia que envolve passos específicos para a conversão de texto oral em escrito.

Aplicando-se o Modelo das operações textuais-discursivas na passagem do texto oral para o texto escrito proposto por Marcuschi (2001), associado a procedimentos de busca automática, pode-se consolidar a proposta de conversão de texto. O texto selecionado para análise foi analisado e apresentado por completo com marcações específicas, em cores distintas, de acordo com o procedimento executado, para facilitar o processo de visualização das alterações feitas.

Com o trabalho prático desenvolvido, pode-se comprovar a redução textual causada pela retirada de termos e expressões típicos da linguagem oral bem como de repetições e redundâncias. Cabe ressaltar que alguns procedimentos referentes ao Modelo aplicado – como, por exemplo, a operação que envolve novas estruturas sintáticas e novas opções léxicas – não foram executados por se tratar de situação que visa a maior formalidade, o que não foi o caso do texto em questão, em que se optou pela manutenção de estrutura dialógica que considera a espontaneidade da fala dos interlocutores.

A estrutura dialógica da conversação possibilitou a utilização de linguagem acessível e clara. Todo o conteúdo foi aproveitado, incluindo a interação entre todos os interlocutores, por se considerar material essencial à compreensão do assunto exposto.

O uso de linguagem mais informal típica da linguagem oral, atrelada a projeto visual gráfico, certamente irá garantir a produção de material educacional escrito com mais facilidade de aprendizagem e proximidade com o leitor. Por partir de dúvidas dos ouvintes e não das expectativas dos especialistas em relação às dificuldades dos usuários, esse material pode assegurar a eficácia da aprendizagem e, posteriormente, a retenção da informação.

Na versão do documento escrito, como acréscimo informacional, sugere-se a inclusão de pequenos comentários, como dicas e sugestões sobre o item abordado durante a conversação, contidos em elementos gráficos, o que possibilitará maior abrangência do assunto levantado no programa.

O benefício proporcionado pelo material educacional escrito elaborado com base em conversação sobre Língua Portuguesa é o aproveitamento de informações obtidas por meio de dúvidas e comentários do cotidiano dos usuários. Troca de experiências e exemplos do dia-a-dia são de fundamental importância para enriquecer o conteúdo teórico exposto.

A oportunidade de vivenciar o conteúdo apresentado em programa de rádio na forma de bate-papo, além de garantir o uso de linguagem acessível, pode substituir pesquisas de campo ou outras formas de investigação de dados necessárias à produção de material educacional escrito.

A conversão de texto oral em escrito é trabalho árduo no que diz respeito à manutenção do conteúdo falado. O texto escrito final deve ser fiel ao que foi dito, apenas a linguagem oral deve ser transformada em escrita, com retirada de termos e expressões, repetições e redundâncias, e sem alteração do nível de linguagem, garantido-se, assim, fidedignidade e autenticidade do texto.

Referências bibliográficas

ANDRADE, M. L. da C. V. de O. *Marcas de interação na correspondência publicada em jornais*. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/MariaLuciaCVOAndrade_interacao.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2006. 07:35.

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

_____. *Estética da criação verbal*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BIGONJAL-BRAGGIO, S. L. *Contribuições da lingüística para o ensino de línguas*. Goiânia: UFG, 1999.

BOTELHO, J. M. *A natureza das modalidades oral e escrita*. S/Db. Disponível em: <www.filologia.org.br/ixcnlf/3/03.htm>. Acesso em: 5 jan. 2006. 11:00.

_____. *O Isomorfismo entre as modalidades da língua*. S/Da. Disponível em: <www.filologia.org.br/viicnlf/anais/caderno07-16.html>. Acesso em: 5 jan. 2006. 11:15.

_____. *Entre a oralidade e a escrita: um contínuo tipológico*. S/Dc. Disponível em: <www.filologia.org.br/viicnlf/anais/caderno07-05.html>. Acesso em: 5 jan. 2006. 11:20.

BRAIT, B. & MELO, R. de. Enunciado/enunciado concreto/enunciação. In: BRAIT, B. (org.) *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005.

CASTILHO, A. T. & PRETI, D. (org.) *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*. Vol. I – Elocuções formais. São Paulo: T. A. Queiroz, 1986.

_____. *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*. Vol. II – Diálogos entre dois informantes. São Paulo: T. A. Queiroz, 1987.

CHARTIER, R. *Os desafios da escrita*. São Paulo: UNESP, 2002.

COLLARO, A. C. *Projeto gráfico: teoria e prática da diagramação*. São Paulo: Summus, 1987.

COSTA, A. P. B. & NASCIMENTO, S. S. *A voz do cientista na cena sonora de um programa de rádio sobre ciência*. Disponível em: <http://br.geocities.com/viveiro_de_ideias/vozes_ligadas_cincia_1_.htm>. Acesso em: 10 jun. 2006. 10:44.

COUTINHO, M. T. da C. *Educação a distância e mediação semiótica: uma relação necessária*. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/site/publicacoes/LIVROCOLOQSEM5.doc>>. Acesso em: 10 jun. 2006. 11:13.

CRUZ, T. S. & LINS, T. B. de A. *Normas para elaboração de monografias*. Brasília: UniCeub, ICPD, 2005.

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

FÁVERO, L. L.; ANDRADE, M. L. C. V. O. & AQUINO, Z. G. O. *Oralidade e escrita: uma perspectiva para o ensino da língua materna*. São Paulo: Cortez, 1999.

FERRARETTO, L. A. *Rádio: o veículo, a história e a técnica*. 2. ed. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2001.

GONÇALVES, E. M. & AZEVEDO, A. B. de. *O rádio na escola como instrumento de cidadania: uma análise do discurso da criança envolvida no processo*. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/alaic/boletim21/elizabeth.htm>>. Acesso em: 5 jun. 2006. 10:15

KATO, M. A. *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1987.

LEMONS, C. J. G. & GUARESCHI, H. M. *Marcas de interação no processo de textualização na escrita*. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/ixcnlf/5/12.htm>>. Acesso em: 11 de jun. 2006. 07:42.

LIBERATO, W. A. *Nas ondas do rádio: uma investigação sobre a aprendizagem incidental de inglês pelo rádio*. Disponível em: <http://www.pucsp.br/pos/lael/lael-inf/def_teses.html>. Acesso em: 7 jun. 2006. 10:30.

LINHARES, E. *Guia prático para redação de rádio*. Manaus: UA, 1995.

LUKIANCHUKI, C. *Dialogismo: a linguagem verbal como exercício do social*. Disponível em: <<http://www.cefetsp.br/sinergia/claudia2.html>>. Acesso em: 11 jun. 2006. 07:20.

MARCUSCHI, L. A. *Análise da conversação*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1998.

_____. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.

MEDEIROS, J. B. *Manual de redação e normalização textual: técnicas de editoração e revisão*. São Paulo: Atlas, 2002.

OLSON, D. R. & TORRANCE, N. *Cultura escrita e oralidade*. Coleção Múltiplas Escritas. São Paulo: Ática, 1995.

ONG, W. *Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra*. Campinas: Papirus, 1998.

ORTRIWANO, G. S. *A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos*. São Paulo: Summus, 1985.

RECHDAN, M. L. de A. *Dialogismo ou polifonia?* Disponível em: <<http://www.unitau.br/prppg/publica/humanas/download/dialogismo-N1-2003.pdf>>. Acesso em: 11 jun. 2006. 07:06.

RIBEIRO, M. *Planejamento visual gráfico*. 7. ed. Brasília: Linha Gráfica, 1998.

ROJO, R. H. R. *Letramento escolar, oralidade e escrita em sala de aula: diferentes modalidades ou gêneros do discurso?* São Paulo: LAEL PUC–SP, 1999.

SANTOS, A. R. dos. *A igreja católica, a mídia e a educação popular: o MEB: a utopia destruída*. Disponível em: <<http://www2.metodista.br/unesco/PCLA/revista12/forum%2012-4.htm>>. Acesso em: 9 jun. 2006. 15:45.

SILVA, D. E. G. da. *A repetição em narrativas de adolescentes: do oral ao escrito*. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

SUASSUNA, L. *Ensino de língua portuguesa: uma abordagem pragmática*. Campinas: Papirus, 1995.

VOESE, I. Vozes sociais citadas e sobrepostas: a polifonia e a dialogia. *Revista linguagem em (Dis)curso*, volume 5, número 2, jan./jun. 2005. Disponível em: <<http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0502/06.htm>>. Acesso em: 11 jun. 2006. 07:49.

ANEXOS

ANEXO I

Degração do programa É ASSIM QUE SE FALA, de 18/5/2006

Anexo I – Degravação do programa É ASSIM QUE SE FALA, de 18/5/2006

Luiza: é assim que se fala / está conosco a professora doutora Wânia de Aragão que é coordenadora do serviço de apoio lingüístico da unb / o sal / e o português / a nossa língua / ainda mais quando bem falada / né /// e tal é o sal da / da nossa cultura / não é Wânia ///

Wânia: sempre // bom dia // sempre é um bom dia com muito sal / às quintas-feiras / aqui na Rádio Nacional / não é ///

Luiza: exatamente

Wânia: falando de língua portuguesa / não falando de forma estrupícia / se é que eu podia falar assim

Luiza: ichi

Wânia: aí Madalena

Luiza: semana passada a Madalena queria saber o que que era estrupício / qual seria o sinônimo de estrupício / né /// achou muita coisa de estrupício ///

Wânia: sim é uma palavra riquíssima

Luiza: é ///

Wânia: chegamos perto aqui felizmente o tubarão só / só chegou assim a rodear

Luiza: ham ham

Wânia: mas numa atitude lingüística que todos nós temos / numa competência no vernáculo que todos nós temos / chegamos perto do sentido eh dicionarizado de estrupício

Luiza: porque assim no sentido popular a gente quando quer dizer que fulano é um estrupício / quer dizer que é um atraso de vida / né /// é um

(risos)

Luiza: é uma pessoa assim digamos chata / né /// aquela que a gente

Wânia: sim / que desconfortável foi essa / eh esse o sentido // Isso se chama o sema da palavra quer dizer a significação nuclear é esta de um desconforto // pode ser um desconforto do mesmo sentido dicionarizado e é o sentido de origem da palavra

Luiza: ham

Wânia: é esse no dicionário do professor Aurélio à página 845 nós temos ali que estrupício é um / e mas já numa palavra essencialmente popular / é um conflito / um motim / uma algazarra / então / algo que causa um desconforto

Luiza: ham ham

Wânia: quer dizer não referente à pessoa // nós com a nossa verve / quer dizer com o / com a nossa capacidade de flexibilizar até mesmo o sentido / estendendo o sentido / num procedimento metaplásmico

Luiza: nossa senhora ////

Wânia: que foi esta a outra pergunta que foi feita aqui

Luiza: é verdade metaplásmico // tem razão

Wânia: exatamente por uma metáfora // a metáfora é um metaplasmo / também

Luiza: hum

Wânia: um metaplasmo vocabular / então o que / que acontece esta extensão de sentido // nós temos o segundo sentido grande quantidade ainda já no caminho desta pessoa quase mala

Luiza: ham

(risos)

Wânia: né / então / nós temos numa linguagem absolutamente popular grande quantidade / despropósito / despotismo / os déspotas podem ser / podem ter a alcunha de

Wânia e Luiza: estrupício

Luiza: é aquele mandão que só vale a vontade dele

Wânia: exatamente // que causa desconforto com a autoridade e caminhando então é uma história lindíssima Madalena por isso Madalena perguntou

Luiza: olha só

Wânia: porque é uma palavra que veio de uma área totalmente diferente e nós / coletivamente / nesse movimento mágico da língua / das transformações / da / da / dos acréscimos / das extensões de sentido / chegamos até o terceiro já do plano físico / já caminhando pra essa / pra essa questão da feiúra

Luiza: hum

Wânia: que é o terceiro sentido / coisas de grandes dimensões // então também é um estrupício eh as coisas de grandes dimensões

Luiza: que são malas / são difíceis de carregar

Wânia: exatamente

Luiza: de achar um lugar pra elas

(risos)

Wânia: aí já seriam canastras / baús

Luiza: é ///

Wânia: quem sabe até caminhões de mudança coisa e tal // eh o quarto sentido aí chegamos aqui no / no / no coisa estúpida / complicada / fora do comum / estroenga / que seria um sinônimo

Luiza: ichi / ichi // estroenga // é preferível estrupício porque estroenga ficou muito esquisito // aliás / por falar em estrupício / chegou um rapaz que não é um estrupício / tá ///

(risos)

Luiza: que veio aqui só pra assistir a sua aula de português Wânia / que é o / o Arlisson que trabalha aqui com a gente / que ele adora ouvir as aulinhas de português aqui e por isso que eu frisei logo não é um estrupício

Wânia: não é um estrupício

Luiza: o Arlisson é sempre bem vindo aqui

(risos)

Wânia: o quinto sentido nem falo estrupício já fomos pra linguagem // asneira / asnice / asnidade / tolice / chegando até ao sentido que é um sentido que eh nem sequer ainda está dicionarizado quer dizer nos documentos ortodoxos que são os vocabulários e os dicionários da língua portuguesa com esse sentido mas no dicionário aberto da Internet que é a Wikipédia que tem um / um dicionário que é construído / um dicionário que é construído pelos usuários da língua

Luiza: ham ham

Wânia: pela Internet

Luiza: e virou o quê ///

Wânia: vários sentidos como brasileiro popular pessoa esteticamente desacertada / esquisita

Luiza: hum

Wânia: é um site português / de um estudioso português e que abriu essa possibilidade de uma construção de uma enciclopédia / de um dicionário coletivamente

Luiza: hum

Wânia: a Wikipédia // certo // então lá já tem o segundo sentido brasileiro popular / pessoa feia

Luiza: hum

Wânia: terceiro sentido // falta de ordem // quarto: coisa esquisita / complicada / ou fora do comum

Luiza: eh // acaba tudo sendo um estrupício / né /// aquilo que incomoda / que dá trabalho / que / que é feia / né /// fora do comum e que é como é que é o último aqui que você falou / eh

Wânia: coisa esquisita / complicada

Luiza: esquisita / complicada

Wânia: e falta de ordem também desordem

Luiza: eh

Wânia: desconforto // tudo aquilo que traz desconforto

Luiza: eh / eu mesma sou uma que gosta de usar esta palavra estrupício // eu acho ela interessante

Wânia: sinônimos / então / tribufu

Luiza: que também se usa muito na minha família se usa muito tribufu

Wânia: linguagem popular // e em linguagem formal se eu quiser / se eu estiver num texto formal / quiser recuperar estes sentidos que estão / que são de domínio de todos nós / mas não quiser usar a gíria / que / que eu vou usar /// desordem / feiúra / como adjetivo é feio / ele é uma pessoa feia / se eu estiver em registro formal / porque no registro formal / nos documentos / nos textos escritos / nas cartas que escrevemos / nós porque que nós temos de utilizar aquilo que já está normalizado / já está nos dicionários / nas gramáticas / nos vocabulários / porque é a garantia de que todos nós dominamos este sentido

Luiza: agora / por exemplo / se eu estiver escrevendo um texto formal / uma redação / por exemplo / pra um concurso / né /// ou pra um vestibular / eh se eu for usar o termo tribufu

Wânia: ainda popular

Luiza: ou estrupício / eu teria que colocar entre aspas ou não ///

Wânia: se eu quiser usar correndo o risco de ser apenado

Luiza: mesmo assim ///

Wânia: mesmo assim porque se eu estou num sistema de avaliação / sempre há um edital / sempre há um script a ser seguido

Luiza: ham ham

Wânia: se esse script desse texto que eu vou escrever pedir / exigir / solicitar o uso de um padrão formal culto da língua portuguesa / utilizar uma gíria é fugir a esse / a esse padrão // mas / no momento em que eu coloco as aspas / eu estou avisando ao meu leitor que eu sei que aquele sentido / aquela palavra é uma palavra com / com este outro sentido // porque estrupício com os / os sentidos anteriores já está dicionarizado / mas não com este sentido de feiúra

Luiza: de tribufu

Wânia: de tribufu

(risos)

Wânia: então / o conveniente é que eu / o que / que é /// o conveniente não // o que / que é excelência na utilização da língua portuguesa /// é essa de eu saber se eu estou falando / se eu estou escrevendo / escolher a forma adequada

Luiza: pra aquela hora / pra aquele lugar e pra aquela pessoa me entender

Wânia: da mesma forma que escolho a roupa / que escolho a as minhas até os meus / nossos gestos / nós temos gestos diferenciados dependendo se estamos numa festa / se estamos num estádio de futebol

Luiza: se estamos numa entrevista de emprego / né ///

Wânia: se estamos numa entrevista de emprego / se estamos numa situação de avaliação e temos de saber qual é a expectativa do outro em relação a nossa fala

Luiza: hum

Wânia: e o texto certo sempre é aquele que dá certo // que / que é dar certo /// é atingir / atingimento de meta textual / é aquele texto efetivo

Luiza: então / por exemplo / se um professor ou se um examinador me pede pra escrever um texto seguindo determinadas regras se eu seguir aquelas regras eu vou tá fazendo o texto certo / né ///

Wânia: sim

Luiza: que nem sempre vai ser o texto certo pra eu me comunicar com o meu ouvinte por exemplo / né ///

Wânia: com certeza // e se eu / dependendo / se eu não quero esclarecer eu vou utilizar / vou me utilizar de recursos de não-esclarecimento

Luiza: eh // aliás como tem gente que gosta de não esclarecer / não é /// fala fala fala e a gente não entende nada // oh / Arlisson / você tem a permissão de usar o microfone aqui para tirar a sua dúvida // nos termos judiciais / ich / é mesmo

Wânia: sim

Luiza: nos termos técnicos / né /// de uma maneira geral // eh // os termos técnicos

Wânia: sim // inacessível // é um instrumento de poder / como a chamada letra dos médicos / data venia / com todo respeito aos médicos

(risos)

Luiza: data venia é triste

Wânia: data venia / pois é // data venia é uma expressão latina muito utilizada nos textos jurídicos e já não recomendada // todos os manuais de redação jurídica / principalmente nestes textos eh / eh que são de diálogo / de comunicação nos processos no direito processual / eles não devem conter máximas em latim porque essas máximas / elas / elas

Luiza: são mínimas agora

Wânia: são mínimas

Luiza: o que / que é data venia mesmo / hein ///

Wânia: com todo respeito

Luiza: ah / com todo respeito

Wânia: é um ótimo recurso / uma ótima estratégia quando eu respeito a categoria como é o meu caso / respeito a categoria médica / mas é um fato que os médicos se utilizam de uma letra nas receitas / não é ///

Luiza: é mas agora eles tão tendo até que seguir outras normas / né /// agora tem normas / regras de que eles têm de escrever de linguagem / de uma forma clara

Wânia: e até a anvisa / o bulário / o bulário / também / as bulas dos remédios têm de ter partes de / de / tem de ser acessíveis / é a questão da acessibilidade à informação

Luiza: muito bem // está na linha conosco o Luiz Carlos // oh / Luiz Carlos ///

Luiz Carlos: sim

Luiza: tudo bem ///

Luiz Carlos: é um prazer conversar com vocês

Luiza: o prazer é nosso // cê tá falando de onde ///

Luiz Carlos: eh eu estou falando daqui / daqui do Guará

Luiza: do Guará // eh qual que é a sua dúvida ///

Luiz Carlos: deixa eu te falar / oh // eu tenho dois dicionários aqui e esses dicionários // eu sou um cara que gosto muito de estudar a língua portuguesa // eu sei mais ou menos o que / que significa a palavra intimista // os meus dicionários aqui os dois não têm realmente o significado

Luiza: hum

Luiz Carlos: outra coisa // por que / que a maioria das / dos famosos cultos dos famosos cultuados tem a mania de falar cidadãos // eu acho um horror

(risos)

Luiz Carlos: político / senador / deputado

(risos)

Luiza: deve ser pra querer aparecer

Luiz Carlos: cidadãos é brincadeira // esses caras são de lascar o cano / viu ///

(risos)

Luiz Carlos: é brincadeira

Luiza: não / cidadãos é feio demais

Luiz Carlos: é brincadeira

Luiza: chama atenção deve ser por isso

Luiz Carlos: é igualzinho um / um cartaz que saiu em Taguatinga // eh segunda / segunda mostra dos artesões de Taguatinga

Luiza: ham ham

Luiz Carlos: artesões // é brincadeira também

Wânia: de que ///

Luiza: artesões

Wânia: ah / dos artesões

Luiza: eh / cidadãos e artesões

Wânia: eh essa / essa / Luiz Carlos / a primeira em relação à palavra intimista // é uma palavra que adquiriu sentido de / da / da introspecção // é uma palavra utilizada num outro tipo de registro / eh / no registro literário / né /// da crítica literária / mas muito mais em algo que se eh que para o que podemos utilizar uma palavra até em inglês que é alguma coisa cult / numa linguagem cult / essa questão do ambiente intimista / agora também as decorações / as revistas de decoração tão utilizando essa palavra também

Luiza: hum hum

Wânia: então num registro cult que seria esse elitizado o que quer ser elitizado / essa palavra está adquirindo um sentido político / adquiriu um sentido politicamente corretíssimo que é esse da introspecção

Luiza: introspecção

Wânia: sem a egolatria

Luiza: hum // ela fala cada coisa difícil

Wânia: vamos lá então

Luiza: vamos lá / egolatria

Wânia: a atitude / a estratégia de Jack / Jack / o estripador

Luiza: nossa senhora ////

Wânia: aquela vamos por parte / vamos segmentar a palavra

(risos)

Wânia: ego e latria

Luiza: hum

Wânia: quer dizer a idolatria / a adoração do ego / do eu

Luiza: de si mesmo

Wânia: eh o intimista seria aquele introspectivo também se nós formos segmentar / nós vamos ver esse movimento para dentro / sem o culto

Luiza: pra dentro de si mesmo

Wânia: pra dentro de si mesmo sem o culto

Luiza: sem tá aí se adorando / se achando apenas o máximo / né ///

Wânia: e a questão da flexão / isso é / são erros que acontecem / que vem de uma competência no sistema / mas um desconhecimento dos subsistemas que cada palavra / ou cada grupo de palavras eh percorrer // porque o conhecimento do sistema é que a regularidade é o plural em ão seria o plural em ões // Então / esse / essa é a regularidade / seria a frequência / a mais freqüente // Na nossa língua há um número muito maior de palavras com o plural em ões // Essa é a forma mais freqüente de palavras que têm o plural em ão

Luiza: hum hum

Wânia: mas um desconhecimento de que / das palavras elas seguem caminhos diferentes // E seguiram caminhos diferentes desde o latim / desde o grego / desde o latim / o português vulgar / o português arcaico / um português contemporâneo // conforme ela / e vai depender muito de como elas são utilizadas que adjetivo vem antes ou vem depois

Luiza: agora / falando aí do plural / eu me lembrei que eu já ouvi muita gente boa falando em chapéis / né ///

Wânia: hum hum

Luiza: e degrais

Wânia: certo

Luiza: subiu os degrais e tirou os chapéis

Wânia: neste caso

Luiza: e é bom a gente lembrar que os dois estão errados / né ///

Wânia: e se caso eu não possa / caso eu não possa consultar

Luiza: hum

Wânia: o que / que eu tenho de fazer e sempre é uma estratégia da qual eu me utilizo e que digo as pessoas que /que não / que utilizem também se não puderem consultar

Luiza: hum hum

Wânia: a primeira estratégia que dá sempre certo é substituir // é aquela história que eu contei aqui do cidadão que foi ao / ao circo e queria escrever uma carta e não sabia // a coisa de que ele mais gostou foi do número do anão // aí ele não sabia se era anão / anões / anãs e o que ele fez /// ele substitui e disse eu / aquilo que eu mais gostei foi o número de um anão e de outro anão // então evite o plural

Luiza: hum hum

Wânia: mesmo porque o singular / ele é sempre mais econômico e eu tenho sempre menos um caráter / singular de caracteres / isso é algo estranhíssimo / mas é assim mesmo / o singular de caracteres é caráter // então sempre o plural tem mais um caráter / que o / que o / que o / o singular

Luiza: hum hum

Wânia: então optar pelo singular ou fazer substituição se eu preciso utilizar o plural // que que eu vou fazer /// primeira é regularidade do sistema / colocar só o s // segunda / utilizar a forma mais freqüente que é matemática // minhas possibilidades de acertar são muito maiores se eu fizer o plural em ões // porque há muito mais palavras com o plural em ões

Luiza: hum hum

Wânia: e terceiro / eh e se soar mal como é o caso como / como disse aqui Luiz Carlos

Luiza: eh

Wânia: se soou mal é que a minha competência sistemática / a nossa competência que é enorme de todo um aprendizado assistemático que temos da língua portuguesa / uma aprendizagem incidental como diz a psicologia está ali nos sinalizando que aquela forma está errada

Luiza: então / olha / o plural de chapéu qual é ///

Wânia: chapéus

Luiza: chapéus // o plural de degrau ///

Wânia: degraus

Luiza: degraus

Wânia: e pela regularidade // quer dizer se fosse sempre pelo s o acréscimo do s / segundo eu aumento as minhas possibilidades // se não / se não dá certo / se soa mal / no caso do ão / vou pro ões

Luiza: hum hum

Wânia: se soou mal / vou pro ãos

Luiza: ham ham

Wânia: e por último / o ãs que no caso até de cidadão

Luiza: eh

Wânia: é a forma

Luiza: agora por exemplo mão é / é fácil

Wânia: é regularidade

Luiza: porque se você tá lá como é que é o plural de mão /// mães é que não ia ser / né ///

(risos)

Wânia: mesmo porque ia remeter para um outro sentido imagina / né ///

Luiza: tudo bem que as mãos dão as mãos

Luiza e Wânia: as mãos dão as mãos / mas

Luiza: não é bem assim / né /// agora / eh Luiz Carlos / eh pra mim dói quando eu escuto os chapéis / que é bastante comum a gente escutar os chapéis / degraís já é menos comum mas também eh a gente ouve de vez em quando / né /// Então é chapéus e degraus // e cidadãos e artesãos / né ///

Wânia: isso

Luiza: aí então fica resolvido aí o / o problema

Wânia: e aproveitando em relação aquilo que se / que se escuta você Luiza acabou de utilizar corretamente o pronome para mim / a forma para mim / só que no início da / da oração / porque se fosse escrito / haveria uma vírgula depois de para mim você trouxe lá do final e disse para mim vírgula dói fazer isso

Luiza: hum hum

Wânia: e não / só vou utilizar sempre o para mim depois de preposição é sempre mim / a forma mim // só existe uma situação em que à direita da preposição mas não regida por ela se vai usar o eu é quando à direita do / do eu / do pronome / houver um verbo terminado em r // que não é o caso porque você disse para mim dói

Luiza: hum hum

Wânia: não seria / só seria para eu / para eu eh

Luiza: ver

Wânia: ver terminado em r

Luiza: hum hum

Wânia: se à direita desse / desse pronome houver um verbo terminado em r no infinitivo / então eu vou ter o pronome eu // de resto é para mim mesmo // mas / para mim vírgula

Luiza: e você falou aí dos truques / né /// de falar e ver como é que soa / eu costumo usar muito esses truques assim pra escrever por exemplo cê quer saber se a palavra tá / tá escrita certa ou não / cê escreve as duas formas geralmente a gente acerta / porque dói na vista também quando você bate o olho numa palavra você fala não / não é assim / não é não / não é com x é com ch / né ///

Wânia: é / mas a primeira quase sempre / a primeira forma em que eu escrevo quase sempre é a certa

Luiza: é // e aí quando você escreve um texto e lê em voz alta também / você é capaz de perceber se o texto está claro / ou / ou / ou se a palavra tá escrita certa / né ///

Wânia: com certeza // porque você ouve e se coloca na posição de quem vai ler o seu texto // e quando nós lemos / nós ouvimos toda a parte fonética e fonológica / todos os cacófatos // cacófatos são aquelas / aquelas aproximações da sílaba final de uma palavra com a sílaba anterior como por cada

Luiza: hum hum

Wânia: cada vez que alguém escreve por cada

Luiza: eh

Wânia: você ouve todos os porquinhos

Luiza: exatamente

Wânia: ou então algo

Luiza: oinc oinc oinc

(risos)

Wânia: semana passada nós falamos em clareza / uma das regras de produtividade é você retirar o que alguns autores chamam de linguagem suína do seu texto

Luiza: hum

Wânia: agora eu me lembrei por conta de por cada / eu me lembrei da linguagem suína

Luiza: ham

Wânia: é o que

Luiza: linguagem suína do texto / meu Deus ////

Wânia: é // você retira os indefinidos // se cada um de nós retirar são sessenta milhões mais ou menos sessenta milhões de brasileiros produtivos que escrevem todos os dias um texto // se cada um de nós tirar um indefinido por dia serão menos cento e oitenta milhões

Luiza: por dia / não é por cada dia não / né ///

(risos)

Wânia: por cada dia não // é porque a substituição cada além de tudo é excesso // porque o por dá conta

Luiza: do resto

Wânia: perfeitamente da informação // então serão menos cento e oitenta milhões de caracteres // e custei a descobrir o que era linguagem suína até que eu vi o texto

Luiza: hum // dá um exemplo

Wânia: um texto com muitos pronomes indefinidos um / um / um / um / um // linguagem suína

(risos)

Wânia: essa imitação agora aqui triste // realmente não é a minha área

Luiza: realmente

Luiza: e olha eh eh / é até divertido você escrever e depois sair cortando o um // e porque a gente tem mania mesmo de botar um isso / um isso

Wânia: sim // É um vício de todos nós e totalmente improdutivo

Luiza: eu fui lá e comprei um não sei que lá e um um um um um um um

Wânia: então nós enxugamos o nosso texto tiramos o desconforto que o outro ao ler o texto / e porque eu sempre digo que o texto só se tem / uma / uma possibilidade na hora em que o outro vai ler o texto / porque texto é semelhante a filho // depois que você fez ele é do mundo e é do leitor que vai reconstruir aquele texto / vai reescrever aquele texto // então o que / o que acontece eh na hora que o leitor está lendo o texto ele vai ouvir esse / todos esses / esses ruídos que você tem ali

Luiza: hum hum

Wânia: então retirar um texto / muito menos retirar os indefinidos você não perde a informação / você ganha em eufonia do texto no conforto sonoro que o texto traz e ganha também em número de caracteres / memória de computador / deveria ser uma grande campanha

Luiza: regra

(risos)

Luiza: olha só tem uma pergunta da Madalena aqui de novo

Wânia: sim

Luiza: da outra vez foi estrupício

Wânia: sim

Luiza: agora ela quer saber brocoió // brocoió já é gíria / né /// brocoió para mim é jeca

Wânia: mas

Luiza: né /// uma pessoa fora de moda / não é /// um brocoió ///

Wânia: mas deve ser um regionalismo não é ///

Luiza: vamos ver // vamos / o dicionário tá ali / oh / as páginas dele girando

Wânia: hoje eu o trouxe aproveitando para fazer não só

Luiza: brocoió

Wânia: um exercício de neurônios como também um exercício físico

Luiza: físico de carregar peso porque ela trouxe três

Wânia: sim / peso nobre

Luiza: malas / três canastras / como ela diz

(risos)

Luiza: eh / a bolsa / a canastra dela onde ela carrega um mundo de gramáticas / né /// e trouxe ainda o dicionário que não é nem um dicionário edição de bolso não

Wânia: exatamente

Luiza: que / que é o brocoió ///

Wânia: brocoió é um / uma / é algo existente só em nossa língua / tem como significado eh / no dialeto caipira / brasileiro na região nordeste

Luiza: ham

Wânia: casa onde se vende exclusivamente caldo de cana

Luiza: brocoió ///

Wânia: brocoió

Luiza: uai / mas na gíria não é / brocoió não vende caldo de cana não // fulano é um brocoió na gíria / é claro que isso aqui não é um dicionário de gíria / né /// mas na gíria brocoió é um sujeito fora de moda

Wânia: vamos ver a extensão

Luiza: né ///

Wânia: sempre / olha / na hora de procurar um verbete no dicionário / uma palavra no dicionário / nós vamos no verbete / o que aparece em primeiro lugar / a primeira entrada no verbete é sempre a mais freqüente

Luiza: hum

Wânia: é o sentido mais freqüente e aqui há uma variante / a variante de caipira // tem aqui ver caipira

Luiza: eh

Wânia: e a variante de caipira no seu sentido primeiro // vamos ver / então

Luiza: então / pra mim um brocoió é isso / um caipira

Wânia: que já é o que um metaplasmo / uma extensão de sentido / quer dizer

Luiza: olha o metaplasmo aparecendo aí de novo

Wânia: é sempre uma transformação

Luiza: é / pra mim brocoió é caipira / é fora de moda / é jeca / né /// é um brocoió

Wânia: do uso // vamos ver o caipira

Luiza: vamos ver aí o caipira

Wânia: no sentido primeiro de caipira

Luiza: caipira

Wânia: vamos ver se continua com esse sentido de / de

Luiza: aí você pode mudar a música aquela sou caipira pira brocoió

(risos)

Wânia: uma informação também de procurar em listagens e dicionários é a informação de como procurar o nome de ruas / no / no / o cep de determinadas ruas // não esquecer de tirar o / os títulos nobiliárquicos que eles não entram na ordenação alfabética nos dicionários / nos livros do cep / então

Luiza: traduz // o que é um título nobiliárquico ///

Wânia: é um título de / de / de nobreza ou é um título de uma hierarquia // então / a rua dom Manuel / a pessoa jamais vai achar o cep desta rua

Luiza: no dom

Wânia: no dom vai achar sempre no Manuel / no m de Manuel // então / eh capitão

Luiza: fulano de tal

Wânia: vai achar na primeira letra do nome // então tudo aquilo que for título no nome de ruas e de logradouros

Luiza: hum hum

Wânia: tem de ser retirado na hora de eu procurar porque é uma das regras de ordenação

Luiza: muito bem

Wânia: alfabética

Luiza: então / oh / agora a professora Wânia de Aragão tá procurando agora caipira porque no brocoió a palavra que apareceu era caipira e o nosso tempo já acabou viu /// pra variar / né /// a gente tá aqui invadindo o tempo

Wânia: nesse sentido / tá aqui / oh // disse do caipira // então o brocoió de do nome de / de casa do local onde se vendia cana / passou a significar caipira // Se eu digo que alguém é brocoió

Luiza: é / é uma pessoa caipira

Wânia: é esse o sentido que está dicionarizado / mas vamos e fica pra semana que vem a atualização e quem quiser já pode ir adiantando / atualização na Wikipédia

Luiza: tá certo // vamos lá professora Wânia de Aragão o nosso tempo acabou // Há muito tempo por sinal

(risos)

Wânia: esta língua

Luiza: mas esta língua portuguesa

Wânia: maravilhosa

Luiza: que nos encanta / que se fala uma palavra você vai lembrando de outra / de outra / de outra / de outra / acaba espichando o assunto / né /// eu gostaria de agradecer a participação

Wânia: eu é que sempre agradeço

Luiza: e vamos lembrar e você tinha falado no começo e eu acabei esquecendo de novo de dizer que era pra ligar no 3327 4133 pra deixar as suas dúvidas de português / eu falo isso durante o começo do programa e o programa todo e na hora eu esqueci de dizer outra vez / tá /// o número então é esse anote 3327 4133 e o contato lá com o sal que é o serviço de apoio lingüístico da Universidade de Brasília / qual é ///

Wânia: 3307 2741

Luiza: 3307

Luiza e Wânia: 2741

Luiza: ou então por e-mail que é o salil com L no final / né /// salil

Luiza e Wânia: @unb.br

Luiza: viu como eu já decorei /// também / né ///

(risos)

Luiza: Wânia brigada e é assim que se fala

Wânia: muito obrigada // é assim que se fala / até quinta

Luiza: até quinta

ANEXO II

Texto escrito final

Anexo II – Texto escrito final

Luiza: É ASSIM QUE SE FALA, está conosco a Professora Doutora Wânia de Aragão que é Coordenadora do Serviço de Apoio Lingüístico da UnB, o SAL, e o português, a nossa língua, ainda mais quando bem falada é o sal da nossa cultura, não é Wânia?

Wânia: Sempre, bom dia, sempre é um bom dia com muito SAL, às quintas-feiras, aqui na Rádio Nacional, não é?

Luiza: exatamente

Wânia: Falando de língua portuguesa, não falando de forma estrupícia, se é que eu podia falar assim. Madalena.

Luiza: Semana passada a Madalena queria saber o que era estrupício, qual seria o sinônimo de estrupício. Achou muita coisa de estrupício?

Wânia: Sim é uma palavra riquíssima.

Luiza: É?

Wânia: Chegamos perto aqui felizmente o tubarão só chegou assim a rodear, mas numa atitude lingüística que todos nós temos, numa competência no vernáculo que todos nós temos, chegamos perto do sentido dicionarizado de estrupício.

Luiza: Porque assim no sentido popular a gente quando quer dizer que fulano é um estrupício, quer dizer que é um atraso de vida, é uma pessoa assim, digamos, chata.

Wânia: Sim, desconfortável, foi esse o sentido. Isso se chama o sema da palavra, quer dizer, a significação nuclear é esta, de um desconforto. Pode ser um desconforto do mesmo sentido dicionarizado e é o sentido de origem da palavra, é esse no dicionário do professor Aurélio, à página 845, nós temos ali que estrupício, já numa palavra essencialmente popular, é um conflito, um motim, uma algazarra, então, algo que causa um desconforto, quer dizer, não referente à pessoa. Nós com a nossa verve, quer dizer, com a nossa capacidade de flexibilizar até mesmo o sentido, estendendo o sentido num procedimento metaplásmico.

Luiza: Nossa Senhora!

Wânia: Que foi esta a outra pergunta que foi feita aqui.

Luiza: É verdade metaplásmico, tem razão.

Wânia: Exatamente por uma metáfora. A metáfora é um metaplasmo também, um metaplasmo vocabular, então, acontece esta extensão de sentido. Nós temos o segundo sentido: grande quantidade, ainda já no caminho desta pessoa quase mala, então, numa linguagem absolutamente popular, grande quantidade, despropósito, despotismo. Os déspotas podem ser, podem ter a alcunha de estrupício.

Luiza: É aquele mandão que só vale a vontade dele.

Wânia: Exatamente, que causa desconforto com a autoridade e caminhando, então, é uma história lindíssima, Madalena, por isso Madalena perguntou porque é uma palavra que veio de uma área totalmente diferente e nós, coletivamente, nesse movimento mágico da língua, das transformações, dos acréscimos, das extensões de sentido, chegamos até o terceiro, já do plano físico, já caminhando para essa questão da feiúra que é o terceiro sentido: coisas de grandes dimensões. Então, também, é um estrupício as coisas de grandes dimensões.

Luiza: Que são malas, são difíceis de carregar.

Wânia: exatamente

Luiza: De achar um lugar para elas.

Wânia: Neste caso, já seriam canastras, baús.

Luiza: É!

Wânia: Quem sabe até caminhões de mudança. O quarto sentido, aí chegamos no coisa estúpida, complicada, fora do comum, estrovenga, que seria um sinônimo.

Luiza: Estrovenga! É preferível estrupício porque estrovenga ficou muito esquisito. Aliás, por falar em estrupício, chegou um rapaz que não é um estrupício, que veio aqui só para assistir a sua aula de português, Wânia, que é o Arlisson, que trabalha aqui com a gente, que ele adora ouvir as aulinhas de português aqui e por isso que eu frisei logo não é um estrupício.

Wânia: Não é um estrupício.

Luiza: O Arlisson é sempre bem-vindo aqui.

Wânia: O quinto sentido, nem falo estrupício, já fomos para linguagem: asneira, asnice, asnidade, tolice, chegando até ao sentido que nem sequer ainda está dicionarizado, quer dizer, nos documentos ortodoxos que são os vocabulários e os dicionários da língua portuguesa, mas no dicionário aberto da Internet que é a Wikipédia que tem um dicionário que é construído pelos usuários da língua, pela Internet. É um site português, de um estudioso português, que abriu essa possibilidade de uma construção de uma enciclopédia, de um dicionário coletivamente.

Luiza: E virou o quê?

Wânia: vários sentidos como, brasileiro popular, pessoa esteticamente desacertada, esquisita. Na Wikipédia, então, já tem o segundo sentido brasileiro popular: pessoa feia. Terceiro sentido: falta de ordem. Quarto: coisa esquisita, complicada ou fora do comum.

Luiza: Acaba tudo sendo um estrupício, aquilo que incomoda, que dá trabalho, que é feia, fora do comum. Como é o último aqui que você falou?

Wânia: coisa esquisita, complicada

Luiza: esquisita, complicada

Wânia: e falta de ordem também, desordem, desconforto. Tudo aquilo que traz desconforto.

Luiza: Eu mesma sou uma que gosta de usar esta palavra estrupício, eu acho ela interessante.

Wânia: sinônimos, então: tribufu

Luiza: Que também se usa muito. Na minha família se usa muito tribufu.

Wânia: Linguagem popular e em linguagem formal se eu quiser, se eu estiver num texto formal, quiser recuperar estes sentidos que estão, que são de domínio de todos nós, mas não quiser usar a gíria, o que eu vou usar? Desordem, feiúra. Como adjetivo, é feio: Ele é uma pessoa feia. No registro formal, nos documentos, nos textos escritos, nas cartas que escrevemos, nós temos de utilizar aquilo que já está

normalizado, já está nos dicionários, nas gramáticas, nos vocabulários, porque é a garantia de que todos nós dominamos este sentido.

Luiza: Por exemplo, se eu estiver escrevendo um texto formal, uma redação para um concurso ou um vestibular, se eu for usar o termo tribufu

Wânia: ainda popular

Luiza: ou estrupício, eu teria que colocar entre aspas ou não?

Wânia: Se eu quiser usar correndo o risco de ser apenado.

Luiza: mesmo assim?

Wânia: Mesmo assim porque se eu estou num sistema de avaliação, sempre há um edital, sempre há um script a ser seguido. Se esse script desse texto que eu vou escrever pedir, exigir, solicitar o uso de um padrão formal culto da língua portuguesa, utilizar uma gíria é fugir a esse padrão, mas no momento em que eu coloco as aspas eu estou avisando ao meu leitor que eu sei que aquele sentido, aquela palavra é uma palavra com este outro sentido, porque estrupício com os sentidos anteriores já está dicionarizado, mas não com este sentido de feiúra.

Luiza: de tribufu

Wânia: de tribufu. Então, o conveniente, a excelência na utilização da Língua Portuguesa é eu saber se eu estou falando, se eu estou escrevendo, escolher a forma adequada.

Luiza: Para aquela hora, para aquele lugar e para aquela pessoa me entender.

Wânia: Da mesma forma que escolho a roupa, que escolho até os meus, nossos gestos. Nós temos gestos diferenciados, dependendo se estamos numa festa, se estamos num estádio de futebol.

Luiza: Se estamos numa entrevista de emprego.

Wânia: Se estamos numa entrevista de emprego, se estamos numa situação de avaliação, temos de saber qual é a expectativa do outro em relação a nossa fala. O texto certo sempre é aquele que dá certo. O que é dar certo? É atingimento de meta textual, é aquele texto efetivo.

Luiza: Então, por exemplo, se um professor ou se um examinador me pede para escrever um texto seguindo determinadas regras, se eu seguir aquelas regras, eu vou estar fazendo o texto certo, não é?

Wânia: sim

Luiza: Que nem sempre vai ser o texto certo para eu me comunicar com o meu ouvinte, por exemplo, não é?

Wânia: Com certeza, e se eu, dependendo, se eu não quero esclarecer, eu vou-me utilizar de recursos de não-esclarecimento.

Luiza: Aliás, como tem gente que gosta de não esclarecer, não é? Fala, fala, fala, e a gente não entende nada. Arlisson, você tem a permissão de usar o microfone aqui para tirar a sua dúvida, nos termos judiciais, nos termos técnicos de uma maneira geral.

Wânia: Inacessível, é um instrumento de poder como a chamada letra dos médicos, data vênica, com todo respeito aos médicos.

Luiza: *Data venia* é triste.

Wânia: *Data venia* é uma expressão latina muito utilizada nos textos jurídicos e já não recomendada. Todos os manuais de redação jurídica principalmente nestes textos que são de diálogo, de comunicação nos processos no direito processual, eles não devem conter máximas em latim porque essas máximas

Luiza: São mínimas agora

Wânia: são mínimas.

Luiza: O que é *data venia*?

Wânia: com todo respeito

Luiza: com todo respeito

Wânia: É um ótimo recurso, uma ótima estratégia quando eu respeito a categoria como é o meu caso, respeito a categoria médica, mas é um fato que os médicos se utilizam de uma letra nas receitas, não é?

Luiza: É, mas agora eles estão tendo até que seguir outras normas. Agora tem normas, regras de que eles têm de escrever de uma forma clara.

Wânia: Até a Anvisa, o bulário, também, as bulas dos remédios têm de ser acessíveis, é a questão da acessibilidade à informação.

Luiza: Está na linha conosco o Luiz Carlos. Tudo bem?

Luiz Carlos: É um prazer conversar com vocês.

Luiza: O prazer é nosso. Você está falando de onde?

Luiz Carlos: Eu estou falando daqui do Guará.

Luiza: Qual é a sua dúvida?

Luiz Carlos: Eu tenho dois dicionários aqui, eu sou um cara que gosto muito de estudar a Língua Portuguesa, eu sei mais ou menos o que significa a palavra intimista. Os meus dicionários aqui não têm realmente o significado. Outra coisa: por que a maioria dos famosos cultos, dos famosos cultuados, tem a mania de falar cidadãos (*sic*). Eu acho um horror! Político, senador, deputado.

Luiza: Deve ser para querer aparecer.

Luiz Carlos: Cidadões (*sic*) é brincadeira. Esses caras são de lascar o cano. É brincadeira.

Luiza: Cidadões (*sic*) é feio demais.

Luiz Carlos: É brincadeira.

Luiza: Chama atenção, deve ser por isso.

Luiz Carlos: É igualzinho a um cartaz que saiu em Taguatinga: segunda mostra dos artesões (*sic*) de Taguatinga. Artesões (*sic*) é brincadeira também.

Wânia: de que?

Luiza: artesões (*sic*)

Wânia: dos artesões (*sic*)

Luiza: cidadãos (*sic*) e artesões! (*sic*)

Wânia: Luiz Carlos, a primeira em relação à palavra intimista: é uma palavra que adquiriu sentido de introspecção. É uma palavra utilizada num outro tipo de registro, no registro literário, da crítica literária, mas muito mais em algo para o que podemos

utilizar uma palavra até em inglês que é alguma coisa cult, numa linguagem cult, essa questão do ambiente intimista, agora também as decorações, as revistas de decoração estão utilizando essa palavra também. Então, num registro cult que seria esse elitizado, o que quer ser elitizado, essa palavra está adquirindo um sentido político, adquiriu um sentido politicamente corretíssimo, que é esse da introspecção.

Luiza: introspecção

Wânia: sem a egolatria

Luiza: Você fala cada coisa difícil: egolatria.

Wânia: a atitude, a estratégia de Jack, o estripador

Luiza: Nossa Senhora!

Wânia: Aquela, vamos por parte, vamos segmentar a palavra: ego e latría, quer dizer, a idolatria, a adoração do ego, do eu.

Luiza: de si mesmo

Wânia: O intimista seria aquele introspectivo também se nós formos segmentar, nós vamos ver esse movimento para dentro, sem o culto.

Luiza: para dentro de si mesmo

Wânia: para dentro de si mesmo sem o culto

Luiza: Sem estar se adorando, se achando apenas o máximo.

Wânia: E a questão da flexão, isso é, são erros que acontecem, que vêm de uma competência no sistema, mas um desconhecimento dos subsistemas que cada palavra ou cada grupo de palavras percorrer. O conhecimento do sistema é que a regularidade é que o plural em *ão* seria *ões*. Então, essa é a regularidade, seria a frequência, a mais frequente. Na nossa língua há um número muito maior de palavras com o plural em *ões*. Essa é a forma mais frequente de palavras que têm o plural em *ão*. Mais um desconhecimento de que as palavras seguem caminhos diferentes. E seguiram caminhos diferentes desde o latim, desde o grego, o português vulgar, o português arcaico, um português contemporâneo, conforme a palavra, e vai depender muito de como elas são utilizadas que adjetivo vem antes ou vem depois.

Luiza: Falando do plural, eu me lembrei que eu já ouvi muita gente boa falando em chapéis (*sic*) e degrais (*sic*): subiu os degrais (*sic*) e tirou os chapéis (*sic*). E é bom a gente lembrar que os dois estão errados.

Wânia: E se caso eu não possa, caso eu não possa consultar, o que eu tenho de fazer e sempre é uma estratégia da qual eu me utilizo e que digo as pessoas que utilizem também se não puderem consultar. A primeira estratégia que dá sempre certo é substituir. É aquela história que eu contei aqui do cidadão que foi ao circo e queria escrever uma carta e não sabia. A coisa de que ele mais gostou foi do número do anão, mas ele não sabia se era anão, anões, anãs, e o que ele fez? Ele substituiu e disse: aquilo que eu mais gostei foi o número de um anão e de outro anão. Então, evite o plural, mesmo porque o singular é sempre mais econômico e eu tenho sempre menos um caráter, singular de caracteres. Isso é algo estranhíssimo, mas é assim mesmo: o singular de caracteres é caráter. Então, sempre o plural tem mais um caráter que o singular. Então, optar pelo singular ou fazer substituição se eu preciso utilizar o plural, que eu vou fazer? Primeira é regularidade do sistema: colocar só o *s*; segunda, utilizar a forma mais frequente que é matemática, minhas

possibilidades de acertar são muito maiores se eu fizer o plural em ões, porque há muito mais palavras com o plural em ões; e terceiro, se soar mal, como é o caso como disse aqui Luiz Carlos: se soou mal é que a minha competência sistemática, a nossa competência que é enorme de todo um aprendizado assistemático que temos da língua portuguesa, uma aprendizagem incidental como diz a psicologia, está ali nos sinalizando que aquela forma está errada.

Luiza: Então, o plural de chapéu qual é?

Wânia: chapéus

Luiza: chapéus, o plural de degrau?

Wânia: degraus

Luiza: degraus

Wânia: E pela regularidade, quer dizer, se fosse sempre pelo s, o acréscimo do s; segundo, eu aumento as minhas possibilidades. Se não dá certo, se soa mal, no caso do ão, vou para o ões; se soou mal, vou para o ãos; e, por último, o ãs que no caso até de cidadão é a forma.

Luiza: Por exemplo, mão é fácil.

Wânia: É regularidade.

Luiza: Porque se você está na dúvida de como é o plural de mão, mães é que não ia ser.

Wânia: Mesmo porque ia remeter para um outro sentido.

Luiza: Tudo bem que as mãos dão as mães.

Luiza e Wânia: As mães dão as mãos.

Luiza: Não é bem assim. Luiz Carlos, para mim dói quando eu escuto os chapéis (*sic*), que é bastante comum a gente escutar os chapéis (*sic*), degrais (*sic*) já é menos comum, mas também a gente ouve de vez em quando. Então, é chapéus e degraus, e cidadãos e artesãos, não é?

Wânia: isso

Luiza: Então, fica resolvido o problema.

Wânia: E aproveitando em relação aquilo que se escuta, você, Luiza, acabou de utilizar corretamente o pronome para mim, a forma para mim, só que no início da oração, porque se fosse escrito haveria uma vírgula depois de para mim, você trouxe do final e disse para mim vírgula dói fazer isso. Vou utilizar sempre o para mim, depois de preposição é sempre mim, a forma mim. Só existe uma situação em que à direita da preposição, mas não regida por ela, se vai usar o eu: é quando à direita do eu, do pronome, houver um verbo terminado em r, que não é o caso porque você disse para mim dói. Só seria para eu

Luiza: ver

Wânia: ver terminado em r, se à direita desse pronome houver um verbo terminado em r, no infinitivo. Então, eu vou ter o pronome eu. De resto é para mim mesmo, mas para mim vírgula.

Luiza: E você falou dos truques de falar e ver como é que soa. Eu costumo usar muito esses truques assim para escrever, por exemplo, você quer saber se a palavra está escrita certa ou não: você escreve as duas formas geralmente a gente acerta

porque dói na vista também quando você bate o olho numa palavra você fala não, não é assim, não é não, não é com x é com ch, não é?

Wânia: É, mas a primeira forma que eu escrevo quase sempre é a certa.

Luiza: É, e quando você escreve um texto e lê em voz alta também é capaz de perceber se o texto está claro ou se a palavra está escrita certa, não é?

Wânia: Com certeza, porque você ouve e se coloca na posição de quem vai ler o seu texto e, quando nós lemos, nós ouvimos toda a parte fonética e fonológica, todos os cacófatos. Cacófatos são aquelas aproximações da sílaba final de uma palavra com a sílaba anterior como por cada. Cada vez que alguém escreve por cada, você ouve todos os porquinhos.

Luiza: exatamente

Wânia: ou então algo

Luiza: oinc oinc oinc

Wânia: Semana passada nós falamos em clareza. Uma das regras de produtividade é você retirar o que alguns autores chamam de linguagem suína do seu texto. Agora eu me lembrei, por conta de por cada, eu me lembrei da linguagem suína.

Luiza: linguagem suína do texto, meu Deus!

Wânia: Você retira os indefinidos. Se cada um de nós retirar, são mais ou menos sessenta milhões de brasileiros produtivos que escrevem todos os dias um texto. Se cada um de nós tirar um indefinido por dia serão menos cento e oitenta milhões.

Luiza: Por dia, não é por cada dia não.

Wânia: Por cada dia não, porque a substituição cada além de tudo é excesso, porque o por dá conta

Luiza: do resto

Wânia: perfeitamente da informação. Então, serão menos cento e oitenta milhões de caracteres, e custei a descobrir o que era linguagem suína até que eu vi o texto.

Luiza: Dá um exemplo.

Wânia: um texto com muitos pronomes indefinidos, um um um um um: linguagem suína. Essa imitação agora aqui triste realmente não é a minha área.

Luiza: realmente

Luiza: É até divertido você escrever e depois sair cortando o um, porque a gente tem mania mesmo de botar um isso, um isso.

Wânia: É um vício de todos nós e totalmente improdutivo.

Luiza: Eu fui lá e comprei um não sei que lá e um um um um um um um.

Wânia: Então, nós enxugamos o nosso texto, tiramos o desconforto do outro ao ler o texto e porque eu sempre digo que o texto só se tem uma possibilidade na hora em que o outro vai ler o texto, porque texto é semelhante a filho: depois que você fez ele é do mundo e é do leitor que vai reconstruir aquele texto, vai reescrever aquele texto. Então, na hora que o leitor está lendo o texto ele vai ouvir todos ruídos que tem ali. Então, ao retirar os indefinidos você não perde a informação, você ganha em eufonia do texto, no conforto sonoro que o texto traz e ganha, também, em número de caracteres, memória de computador, deveria ser uma grande campanha.

Luiza: regra. Tem uma pergunta da Madalena aqui de novo. Da outra vez foi estrupício, agora ela quer saber brocoió. Brocoió já é gíria. Brocoió para mim é jeca, uma pessoa fora de moda.

Wânia: Deve ser um regionalismo, não é?

Luiza: Vamos ver, o dicionário está ali, as páginas dele girando.

Wânia: Hoje eu o trouxe aproveitando para fazer não só um exercício de neurônios como também um exercício físico.

Luiza: Físico de carregar peso, porque ela trouxe três.

Wânia: sim, peso nobre

Luiza: Malas, três canastras, como você diz: a bolsa, a canastra dela onde ela carrega um mundo de gramáticas e trouxe, ainda, o dicionário, que não é nem um dicionário edição de bolso.

Wânia: exatamente

Luiza: O que é o brocoió?

Wânia: Brocoió é algo existente só em nossa língua, tem como significado, no dialeto caipira, brasileiro, na região nordeste, casa onde se vende exclusivamente caldo de cana.

Luiza: brocoió?

Wânia: brocoió

Luiza: Mas na gíria não é, brocoió não vende caldo de cana. Fulano é um brocoió – isso aqui não é um dicionário de gíria – mas, na gíria, brocoió é um sujeito fora de moda.

Wânia: Vamos ver a extensão, sempre, na hora de procurar um verbete no dicionário, uma palavra no dicionário, nós vamos no verbete, o que aparece em primeiro lugar, a primeira entrada no verbete é sempre a mais freqüente, é o sentido mais freqüente e aqui há uma variante, a variante de caipira, tem aqui: ver caipira, e a variante de caipira, no seu sentido primeiro, vamos ver.

Luiza: Então, para mim um brocoió é um caipira.

Wânia: Que já é um metaplasmo, uma extensão de sentido, quer dizer, é sempre uma transformação.

Luiza: Para mim brocoió é caipira, é fora de moda, é jeca.

Wânia: Do uso, vamos ver o caipira.

Luiza: Vamos ver aí o caipira.

Wânia: no sentido primeiro de caipira

Luiza: caipira

Wânia: vamos ver se continua com esse sentido de

Luiza: Você pode mudar a música, aquela sou caipira pira brocoió.

Wânia: Uma informação também de procurar em listagens e dicionários é buscar o nome de ruas, o CEP de determinadas ruas, sem esquecer de tirar os títulos nobiliárquicos, porque eles não entram na ordenação alfabética nos dicionários, nos livros do CEP.

Luiza: Traduz o que é um título nobiliárquico?

Wânia: É um título de nobreza ou de uma hierarquia. Então, a rua Dom Manuel, a pessoa jamais vai achar o CEP desta rua

Luiza: no Dom

Wânia: no Dom. Vai achar sempre no Manuel, no m de Manuel. Então, capitão

Luiza: fulano de tal

Wânia: vai achar na primeira letra do nome. Então, tudo aquilo que for título no nome de ruas e de logradouros tem de ser retirado na hora de eu procurar, porque é uma das regras de ordenação alfabética.

Luiza: Agora, a professora Wânia de Aragão está procurando caipira porque, no brocoió, a palavra que apareceu era caipira e o nosso tempo já acabou. Para variar, a gente está invadindo o tempo.

Wânia: Nesse sentido está aqui: disse do caipira. Então, o brocoió, de nome de casa do local onde se vendia cana, passou a significar caipira. Se eu digo que alguém é brocoió

Luiza: é uma pessoa caipira.

Wânia: É esse o sentido que está dicionarizado, mas fica para semana que vem a atualização na Wikipédia e quem quiser já pode ir adiantando.

Luiza: Professora Wânia de Aragão, o nosso tempo acabou há muito tempo, por sinal.

Wânia: esta língua

Luiza: mas esta língua portuguesa

Wânia: maravilhosa

Luiza: Que nos encanta, porque se fala uma palavra e você vai lembrando de outra, de outra, de outra, de outra e acaba espichando o assunto. Eu gostaria de agradecer a participação.

Wânia: Eu é que sempre agradeço.

Luiza: E vamos lembrar – você tinha falado no começo e eu acabei esquecendo de novo de dizer – que era para ligar no 3327 4133 para deixar as suas dúvidas de português. Eu falo isso durante o começo do programa e o programa todo e na hora eu esqueci de dizer outra vez. O número, então, é esse, anote: 3327 4133. E o contato lá com o SAL que é o serviço de apoio lingüístico da Universidade de Brasília, qual é?

Wânia: 3307 2741

Luiza: 3307

Luiza e Wânia: 2741

Luiza: Ou, então, por e-mail que é o: salil, com L no final, salil

Luiza e Wânia: @unb.br

Luiza: Viu como eu já decorei? Wânia, obrigada e É ASSIM QUE SE FALA.

Wânia: muito obrigada, É ASSIM QUE SE FALA, até quinta.

Luiza: até quinta